



James Swan

Alonso Ketchum

Jose Estuero

ORADORES PORTUGUEZES

JOSÉ ESTEVÃO

I

Presença e voz insinuante, phrase e phantasia arrebatada eis as prendas, que conquistaram a José Estevão as palmas de primeiro orador portuguez, e o logar eminente que occupa nas lides parlamentares.

Quando o assumpto o inflamma, quando sobre elle desce a luz, que é o astro radioso dos poetas, quem, ouvindo-o, não sentio correr pelo espirito a commoção irresistivel, que só o *bello* tem o raro privilegio de excitar, qualquer que seja a fórma e o momento?

N'esta manifestação de arte, uma das mais arriscadas, os dotes physicos são auxiliares poderosos. Na tribuna muitas vezes o aspecto completa o discurso; por isso antes de nos determos diante do orador paremos por alguns instantes a contemplar o homem.

José Estevão pertence á geração, que assistio á queda da liberdade em 1828, e que padeceu por ella nas amarguras do desterro e nos combates.

De estatura mais que mediana, sbelta, è tocada de certa arrogancia militar, que lhe cahe com graça, a sua presença, espirituosa, sympathica, e animada attrahe e insinua-se. O rosto cheio e engraçado, as feições nobres e varonis, e nos olhos a viveza rapida, de que o menor impeto faz scintillar a chamma, caracterizam uma das mais distinctas phisionomias do typo peninsular.

A frente, já despovoada, rasga-se espaçosa, e sem nuvens, em harmonia com o sorriso, não desmalicioso, que lhe alegre a bocca. Todas as proporções do corpo, quando um grande pensamento o domina, concorrem para o decoro do gesto e da exposição; e nas occasiões solemnes ninguem excede a elegancia d'aquelle busto, que a natureza parece ter formado de proposito para a tribuna.

Nas horas de anciedade publica, ou nos momentos mais graves de uma elevada discussão, antes de abrir os labios já o silencio de amigos e de adversarios annunciou a voz, que todos desejam escutar.

Nervoso e sensível, o coração pulsa-lhe em cada palavra; o entusiasmo, ou a indignação, accendem-lhe a phrase, e de um jacto fundem a imagem. Na questão do «Charles et Georges,» uma das suas mais opulentas ostentações oratorias, houve periodos, em que o auditorio suspenso pôde julgar, que a pobre patria era a que fallava n'aquelle verbo vehemente para fulminar o abuso da força contra o brio.

José Estevão na prosa dos seus discursos é mais poeta, do que muitos, que gosam das honras de validos das musas. Ninguem se eleva tanto nas azas de ouro da inspiração sem ter recebido de Deus em dom faculdades, que poucos hão de possuir no mesmo grau. A sua eloquencia, filha mimosa da phantasia, nunca hesitou nos grandes rasgos, que firmam a reputação do orador. Devendo menos ao estudo e ás meditações, do que aos raptos da espontanea illuminação, que n'elle adevinha tudo, seria digno dos modelos classicos se unisse aos dotes naturaes os subsidios de uma vasta leitura, e o profundo conhecimento de todos os segredos da arte.

Mas (quem sabe!) talvez perdesse então a facilidade arrojada que o leva sem hesitar por entre os precipicios, que os maiores engenhos não souberam sempre evitar.

O triumpho e a gloria de Demosthenes são unicos na historia. Das cinzas do famoso orador de Athenas nunca se levantou quem lhe herdasse o sceptro. Nenhum dos antigos ou dos modernos, competio com elle, e a sentença proferida pelos emulos do rival Eschines ainda espera depois de tantos seculos pela poderosa auctoridade que a ha de reformar. Aquella palavra sublime, em que ardiam as iras da invectiva, e ao mesmo tempo floresciaam todas as gallas do estylo ornando o raciocinio, e emudecendo a replica, no passado e no presente não encontrou ecco para a repetir. Mesmo a grande figura de Cicero foi apenas uma sombra comparada com o vulto do mestre!

A linhagem dos Demostheues e dos Ciceros não é mais fecunda

que a de Homero, do Dante, ou de Milton. Pedem-se tantos milagres de aptidão sómente para ser agradável discursador, que não se deve pasmar se o mais elevado talento, arrostando-se pela primeira vez com os perigos da tribuna, sente desmaiar a imaginação, cobrir-se de trevas a memoria, e vacillar a voz e a razão!

Por isso Mirabeau, em uma apostrophe memoravel, ao romper talvez a maior das suas luctas, exclamava: «Os louros de hontem não me cegam. Sei que do capitolio á rocha Tarpeia, só medeia um passo.»

Elle venceu. A accusação, que o havia de prostrar, expirou suffocada nos seus braços; mas quantos não succubiram paralisados pelo terror de sepultarem n'uma hora a fama alcançada á custa de fadigas e esforços?

II

O genero da eloquencia de José Estevão é o que entre nós se aproxima mais das melhores recordações da tribuna franceza no tempo da restauração. O que n'elle subjugá, como no general Foix, como em Benjamim Constant, como em tantos outros do mesmo ciclo, são os traços vigorosos, o desenho em grande, as cores destacadas e esplendidas, é sobre tudo o calor vivificante, que anima o quadro.

As delicadezas de fórma, os relevos cinzelados por um buril cuidadoso, as finas e calculadas gradações de um para outro tom, os toques de luz e de sombra quasi imperceptiveis, que realçam as paginas do livro, débalde se buscariam nas suas orações.

Lançando-se nos braços dos auditorios, sente e communicalhes a paixão que o arrebatá, dizendo o que a alma fremente inspira ao repentista nos instantes em que deixa de viver a vida propria para viver a fallar segundo o coração dos que o escutam anciosos.

N'estes raptos em que não tem igual, tudo lhe acode, e o favorece. A lingua cede e presta-se aos menores caprichos, a phrase molda-se espontanea, dando corpo á idéa; o ardor da inspiração circula por todos os membros do discurso, e as grandes imagens, as imagens épicas, forjadas no fogo do entusiasmo, surgem armadas e precipitam-se umas apoz outras, realisando a fabula, como a Minerva antiga da frente de Jupiter.

N'aquelles momentos percebe-se a admiração das multidões de Roma e de Athenas extasiadas diante dos prodigios da palavra; comprehende-se como Lamartine, em nossos dias, só e

desarmado, soube estacar, depois conter, e por fim encaminhar ao seu leito as ondas revolucionarias embravecidas na praça publica!

Em José Estevão, á medida que a tela se vai desenrolando, as figuras a principio confusas avultam, e caracterizam-se. O semblante abre a expressão, e illumina-se de vivas côres, reflexo da chamma interior. A cabeça erecta e dourada pelos raios, que despede a commoção interior, toma posições poeticas em harmonia com a grandeza do assumpto. O gesto largo, e magestoso no exordio, precede e acompanha a phrase para a incutir. São os signaes precursores dos grandes movimentos. Depois é a torrente que se despenha, é o trovão que estala, é o espirito, que de esphera em esphera, se arremessa ás nuvens, perdendo de vista a terra, é finalmente, o que os latinos chamavam *magna vox*, e o que Mirabeau traduziu na presença dos comicios sobresaltados, é o orador antigo resuscitando pelo delirio sublime, não com os affectos mortos dos livros, mas com os affectos vivos e abraçados, que ao sol da liberdade brotam n'um só dia.

Ouvindo-o, vê-se que, familiar com a leitura de alguns classicos, procurou sobre tudo a convivencia de Vieira, e que a aproveitou. A cada momento notam-se-lhe trechos, que lembram as ousadias e as elegancias, que em tantos periodos estimados cunham o estylo admiravel d'aquelle talento, ainda mais apto para a eloquencia politica, do que para a persuasão religiosa, talento comprimido pelo habito e pela época, cujas explosões repentinas, mudando o pulpito em tribuna, tantas vezes transformam o panegirico em satyra acerba da côrte e dos ministros, ora para cravar os validos na cruz do máo ladrão, ora, para nã mais pungente e engenhosa das ironias, flagellando uma legião inteira de perseguidores, pedir aos peixes a lingua e o disfarce.

Em José Estevão o que mais impera n'estas occasiões é o sentimento. Partidario, nas refregas ordinarias, está ao lado da sua bandeira e defende com todo o esforço o altar do seu culto; mas, rebente instantaneo um grande conflicto, estremeça, ou vacille na base alguma das liberdades essenciaes, ou receba o paiz na face algum ultraje, e vereis como os impulsos generosos o concitam, como a indagação o transfigura, como aquella phisionomia meia adormecida pelo canção da lucta quotidiana desperta, revive e se espiritualisa. É outro homem, é outra voz.

N'estes lances torna a vestir todas as peças da sua armadura de tribuno; a imaginação rejuvenesce-lhe como nos dias de esperançosa anciedade, em que lhe entregaram as primeiras co-

roas. Tudo n'elle remoeça, o coração, o espirito, e os poderes intellectuaes. Firme e recolhido, esquece e rompe todos os vinculos, que lhe possam prender as forças, para entrar na arena, como o athleta antigo, com toda a liberdade dos movimentos e com todos os brios da sua vigorosa organização.

Erguendo a viseira, encara os obstaculos, e atira a luva direita ao resto do inimigo. Não lhe proponham temporisações, que as rejeitará como treguas indignas do valor da causa, que advoga. Não lhe sugiram evasivas, ou manobras astuciosas, por que fugirá d'ellas como de uma cilada infamante.

Se o desampararem irá só, pelejará só contra todos, e amortalhado no glorioso estandarte dos principios sem recuar um passo, dirá á fortuna, que o futuro pertence a Deus, e que a derrota de hoje amanhã será victoria.

Mais de uma vez o temos visto, cavalleiro unico, desafiar todos os encontros, medir-se com os mais denodados adversarios, e sahir vencido pelo numero, mas triumphante pela palavra.

Elevando-se por uma synthese grandiosa ás eminencias, d'onde aos olhos do philosopho, ou do poeta todas as pequenas vaidades e todos os pequenos interesses figuram em pugilato microscopico, a sua phantasia inspira-se dos perigos, que vê de longe nos horisontes, apenas ennuveados, e a sua voz prophetica tem annuciado tempestades, que ninguem descobria, e que os acontecimentos se encarregaram de verificar.

É o condão divinatorio dos engenhos superiores. Escarnecidos na bonança pelos manipuladores de elixires politicos, pelos miopes, que chamam prudencia e cordura á inercia e á insensibilidade, mas que subitamente acordados pelo vulcão, que lhes sacode a terra debaixo dos pés, veem desabar sobre a sua obra fragil as alluidas muralhas das instituições, a que promettiam seculos, em vez de adorarem no terrivel exemplo a lei natural do progresso humano, maldizem e blasphemam, accusando-se porque não forjaram de melhor ferro as algemas do pensamento, ou porque não apertaram de todo a mordaca, que devia abafar os clamores da opinião.

N'estes combates, n'estas questões, que fazem vibrar todas as fibras do coração de um povo, porque encerram os futuros destinos da humanidade, é que José Estevão sobresahe, e não conhece rival. O motivo parece simples. A persuasão penetra-o a elle primeiro, do que penetre os outros; antes da phrasê inflammada chegar aos auditorios accendeu n'elle a chamma luminosa de todos os instinctos generosos. Pintor em largos rasgos, a luz, que lhe doura a eloquencia, não é o clarão sereno

e igual da razão na sua frieza, é o esplendor fulgurante, que relampeja sobre todos os cumes. A sua voz, como a do trovão, desperta os eccos amortecidos das paixões; e embora deixasse sombras sobre algumas partes, embora o ribombo dos céos abertos não chegasse a todas as sentinellas incumbidas da vigia, deu o primeiro rebate, aclarou as trevas mais densas, e ao somno e á immobilitade substituiu a força e a acção.

O effeito de taes discursos não o reproduz depois, nem a memoria dos que os escutaram, nem a pagina do livro official. Apagada a voz, o espirito fugiu com ella, e da mais sublime oração, como da mais louvada formosura, apenas o cadaver fica!

A maior belleza, na rigidez marmorea, e na lividez do tumulto, do que foi só conserva como um molde fugitivo dos attractivos que a tornavam o enlevo de todos; com os primores da tribuna acontece o mesmo. O ultimo som, que expirou nos labios do orador, quebrou o encanto, a vida passou, e só depois um escopro sempre infiel tentará em vão fixar na estatua os lineamentos e as feições da sua phisionomia geral.

Mas o retrato seria imperfeito se não descrevesse todos os aspectos do vulto parlamentar de José Estevão.

Não se julgue de leve, que elle é sempre o mesmo. Fluente e espirituoso, como partidario prodigalisa de mais em muitas occasiões os preciosos recursos do orador.

Paladino incansavel, na opposição, apparece a miudo sobre a brecha, e a cada instante sáe ás vezes do seu campo a preposito da menor escaramuça.

No meio do zumbido dos zangãos da colmeia legislativa, durante os murmurios e as elegias de campanario, não é raro ouvir-se aquella voz poderosa, tentando de balde dominar os córos das conversações, os ultimos arrepios da eloquencia camponeza de algum Cincinato, que pede um sino, ou uma ponte para a sua aldeia, e até (oh suprema affronta!) o importuno badalo da monstruosa campanha da presidencia, chamando os Licurgos á ordem com o mesmo exito com que chamaria os mouros á confissão.

No meio d'este ruido incessante, das moções que se cruzam, dos glosadores que se acotovelam, e dos apostolos da ordem, que enfiam perorações sobre perorações com um calor, digno de melhor sorte, quem buscar a figura distincta do primeiro orador portuguez, cuidando que a descobrirá separada e indifferente, nem sempre será feliz na conjectura. Em mais de um lance ha de encontral-a discorrendo com agrado, mas com profusão, sobre essas minimas questões, nugas sonoras, que formam o pasto saboroso dos salvadores da disciplina interna, vazos de eleição, em

cujo seio, como nos limbos, se agitam as tremendas revoluções que hão de mudar um dia a face... do regimento.

As mesmas impaciencias, que o arrastam a esgrimir-se com todo o esquadrão dos homens de ferro da procissão do companario, ou do regimento, atriaçoam-o tambem a ponto de o tornarem um dos interruptores mais recalcitrantes e endurecidos.

Se a discussão lhe não merece grande cuidado, José Estevão, com o riso na bocca, e uma aljava attestada de epigrammas passeia por todos os bancos, cruza a sala em todos os sentidos, e se o orador, que occupa a tribuna, se desvia das suas idéas, ou approva as contrarias, atalha-o, lardeia-lhe o discurso de *à partes*, salpica-lho de chistes, e não poucas vezes estrangula-lho na garganta a meio caminho da meza dos tachigraphos, assassinado por um accesso fulminante de hilaridade.

Se o adversario é de estatura para lutar com elle, dá-se outra singularidade não mēnos curiosa. A interrupção provoca a replica, trava-se o dialogo de parte a parte, e a camara assiste a duas orações parallelas, em que o quinhão do interruptor não é de ordinario o mais pequeno. As digressões jocosas, os tiros da ironia reciproca, e por fim a voz solemne e irritada do presidente representam o dueto, depois o terceto, e por fim um coro geral, em que tudo acaba ao som das vozes dos ulemas do regimento, escandalisados, convulsos e transidos de santo horror.

Nada mais comico então do que ver no meio dos bancos guardados aquelles braços dobando ao som da famosa formula disciplinar, aquellas boccas entre-abertas para soltarem o mesmo grito, e por detraz o vulto meio sumido dos apagadores encartados, empunhando o sceptro fatal do silencio, e aguardando que um instante de paz lhes dê entrada para... salvarem a ordem.

Estes são os defeitos, os peccados veniaes, de que accusamos o orador, que applaudimos, e que além de sincero amigo, temōs muitas vezes tomado por mestre nas luctas parlamentares. Felizes culpas, resgatadas por tanta gloria! Mas, não tão leves, assim mesmo, que não careçam de serem apontadas, como prova de inteira imparcialidade.

Ninguem é perfeito, e o dever da critica justamente consiste em pôr o espelho diante da vista. O elogio sem a verdade parece-se muito com a lisonja; e esta tanto deve repugnar a quem adula como áquelle a quem se offende, suppondo-o capaz de acceitar o tributo servil.

III

A carreira de José Estevão começou cedo. Em 1837, quando

pela primeira vez tomou assento em côrtes não contava mais de vinte e seis annos. No congresso constituinte é que a vocação principiou a revelar-se para realçar em soberbas manifestações nas legislaturas de 1839 e de 1840.

Foram dias de lucta, mas tambem de vivesa de crenças liberaes aquelles, em que, moço de coração, e movido por nobres illusões, o orador se encontrava em duello grandioso com os maiores vultos da tribuna, com os Garretts, os Rodrigos, e os Seabras.

Era bello e grande vêr então aquelle mancebo, filho das suas obras, prodigio de engenho precoce, com a bandeira do seu partido sempre hasteada, disputando o terreno palmo a palmo, colhendo novo esforço em cada revez, e vibrando a apostrophe e a imprecação.

Um Deus tinha sobre elle a sua mão; o coração acodia-lhe aos labios, e a alma de poeta, radiosa e indignada ao mesmo tempo, subia com a esperanza, ameaçava com a ira, confundia com a irrisão, e assombrava até os mais consummados pela ousadia das imagens!

A indole do seu talento oratorio dá-se bem com o desafogo da opposição. Na maioria, sente-se mais constrangido, hesita, duvida, e receia ferir algum dos lados fracos, que todos os governos offerecem.

Mas os que imaginavam que a idade n'elle, ou quaesquer preocupações podiam comer a côr á imaginação, ou murchar-lhe o viço, enganaram-se por não conhecerem os recursos, de que dispõe.

O discurso sobre a questão do *Charles et Georges* veio revelar, aos mais incredulos, que os grandes espiritos nunca envelhecem, que peitos, onde respiram, como no seu, os elevados sentimentos do amor da patria, e da liberdade, nunca esfriam. José Estevão quando quiz tornou a ser o mesmo homem, e toda a camara suspensa e captivada saudou a quadro epico do repentista.

Fiel ás promessas do seu esplendido noviciado, não decahiu das primeiras forças, como Sansão, faltando-lhe o enthusiasmo. Pelo contrario! Defendendo os fóros da humanidade, e punindo a covarde provocação das naus francezas, vimol-o, como o heroe hebreu, arrancar dos quicios as portas das cidades, as portas dos imperios, e ir assental-as nas fronteiras do futuro, juiz enoxravel de oppressores e opprimidos, dos escravos e dos compradores, das victimas e dos tyrannos.

O raio antigo não lhe arrefeceu nas mãos; mas hoje aponta-o

contra a aguia que foi das conquistas, e que tomou por emblema as gargalheiras servís. O ardor da inspiração não se lhe apagou, a imagem, como antes surge armada e luminosa, épica e arrebatada.

Escutae-o! Segui-o nos vôos audaciosos! Vêde como os verdadeiros e os falsos heroes são postos no tribunal da historia; confrontae a bella e sublime comparação do orador com as mais elogiadas dos mestres da tribuna britannica e da franceza, e depois dizei se ha n'ella que invejar ás que nos estão citando como exemplos e modêlos.¹

Em 1840, na sessão de 13 de fevereiro, respondendo ao famoso discurso pronunciado por Garrett na sessão de 8, levantou o primeiro padrão da sua superioridade como orador.

Luctando corpo a corpo, em terreno escolhido pelo contrario, e com um gigante tão poderoso na tribuna, como nas letras, deixou as opiniões perplexas, de modo que ainda hoje se não sabe, qual foi o vencido, e qual o vencedor.

Em 11 de agosto, do mesmo anno, combatendo com Rodrigo da Fonseca Magalhães, depois de malograda a revolução da vespóra, abriu uma das mais notaveis orações, de que ha memoria do parlamento, pelo seguinte exordio vasado nos moldes de Mirabeau.

Acabava de recolher á sala a commissão especial encarregada de redigir as leis extraordinarias propostas pelo governo contra os auctores do tumulto nocturno. José Estevão levantando-se

¹ Eis a grande imagem a que alludimos no discurso ácerca do *Charles et Georges*. O orador refere-se aos verdadeiros heroes.

«As Ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco, que as assoberba. N'esta lide atropellam-se, amontoam-se: sobem umas sobre as outras, repetem os assaltos, redobram os remessos, até que galgam á altura aonde a resistencia as levou, e de lá fatigadas e desfeitas em espuma, cáem no mar de d'onde saíram, no mar de onde eram, no mar que lhes déra a força, no mar em que se tornam.

«Os heroes são estas cataratas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade como ella largo, vasto, immenso, comò ella, querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis, que o domesticam, e voltando sempre apesar da sua inquietação aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeito, e para conservar os quaes foi creado. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos, em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attrahem as nossas vistas pela lucta, que sobre elles se travára? Pedras de irregular conformação, sem bellezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem excitem o nosso pasmo.»

no meio do silencio, contendo as iras dos centros com o olhar dominador, e as interrupções com o gesto imperioso, rompeu pela apostrophe, que vamos repetir:

«Entrou o prestito lugubre, e traz debaixo das togas o decreto da morte. Poucos momentos de vida restam á victima; em breve sobre o seu cadaver levantará um throno a tyrannia; mas tyrannia que será funesta a quem a lembrou, funesta a quem a proteger, funesta aos que tem de a exercitar.»

Garrett foi o unico ainda que se atreveo a tomar-lhe o passo. Tudo o mais emmudeceu entre o terror da anarchia, que visitava a cidade como um spectro durante a noite, e a admiração de uma eloquencia, que acabava de tocar a maior altura do arrojo tribunicio.

N'esta segunda lucta, se o cantor de Camões e D. Branca levou a palma, é forçoso dizer, que tambem nunca em Portugal outra voz, nem a sua mesmo tornou a achar o segredo da inspirada oração, que a musa de Demosthenes lhe dictou n'um momento de enthusiasmo.

Estes são os principaes monumentos da carreira do orador, que abonam o merecido conceito de José Estevão.

Soldado firme das suas idéas, e sobre tudo homem da sua época e do seu paiz, a pureza da vida, e o desinteresse dos actos responderam sempre ás insinuações dos que o accusavam, porque não os seguio. Para elle os partidos hoje não representam, nem podem representar o que se pedia hontem. O progresso, não como palavra, mas como principio, deve sem demora traduzir-se em factos. A quem concorrer para esta cruzada chama-lhe alliado, quem a contrariar, combate-o!

A sua divisa, honrosa, fecunda, e que não desmente as primeiras aspirações da sua juventude, é que tudo se ha de fazer pela nação e para a nação!

Permitta Deus que muitos a acceitem, e a saibam cumprir. Encerra-se n'isto todo o nosso futuro.

L. A. REBELLO DA SILVA.

REVISTA CRITICA E LITTERARIA DE 1858.*

Falta-nos fallar dos livros que representam um valor real para muitas das necessidades positivas da sociedade, dos livros de indagação historica, de largos e fecundos intuitos moraes, de utilidade de ensino; dos livros, émfim, que nos trabalhos do pensamento dispõem os materiaes e firmam os fundamentos do vasto edificio intellectual. N'este sentido, a Academia Real das Sciencias publicou no anno findo duas boas obras que interessam á nossa historia, que são o *Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, e as *Lendas da India por Gaspar Corrêa*. Este ultimo trabalho, incumbido ao reconhecido zêlo e escrupulos do illustre collecter, o sr. Rodrigo Felner, contém a historia da Asia. É um subsidio indispensavel para a nossa historia geral e prestado pelo testemunho e solitudine de um escriptor contemporaneo, como é Gaspar Corrêa, que antes de Fernão Lopes de Castanheda, começára a lançar os alicerces da historia da India. O *Quadro Elementar*, laborioso repositorio de documentos diplomaticos e politicos, levado até ao XV volume pelo defunto visconde de Santarem, é agora continuado pelo sr. Rebello da Silva com a paciencia e esforço de analyse que demanda uma d'estas obras. Mas a introducção, que o distincto academico põe na frente do volume, é talvez o trabalho mais importante da publicação. A invasão dos Philippes, inquerida e analysada

* Veja-se o numero antecedente.

nas suas causas remotas e complexas, abre caminho ao profundo analysta para uma bella dissertação historica, em que os reinados de D. João II, D. Manoel e D. João III, apparecem vistos á luz de uma critica segura, em todos os seus manejos de intriga palaciana, descriminando-se do seio d'estas trevas de enredos surdos e machinações traiçoeiras, os vultos principaes que na fidalguia e no clero concorreram para a decadencia e entrega de Portugal. Prova um grande conhecimento dos acontecimentos da época esta introducção, escripta com a lucidez e facilidade de exposição do verdadeiro estylo historico. E que grande virtude de sobriedade para a penna habituada a voar, caindo-lhe dos bicos os primores e matizes do idioma, restringir-se ás linhas severas d'este estylo, que participa do antigo pela sua simplicidade elegante e nobreza de periodo!

A este grupo de trabalhos de indagação e analyse vem juntar-se naturalmente o *Genio da Lingua Portugueza*, do sr. Francisco Evaristo Leoni, vasto trabalho em que o auctor accumulou os materiaes colhidos em longos annos de estudo e do trato intimo e reflectido com os melhores escriptores nacionaes e estrangeiros. É uma obra indispensavel a todo o homem de letras. Se o primeiro livro de uma nação é o dictionario da sua lingua, como disse Volney, este é o segundo, porque ensina a lingua, inquerindo-lhe as suas razões philosophicas e tornando-lhe vulgares os seus mais occultos mysterios. O *Diccionario Bibliographico Portuguez*, do sr. Innocencio Francisco da Silva, apresenta-se tambem como um d'estes livros uteis, onde o erudito encontra, collegidos e catalogados, os resultados de fundas e laboriosas escavações. A obra do sr. Figanière, a *Bibliographia Historica Portugueza*, restringindo-se aos escriptores historicos, e a *Bibliotheca* de Barbosa Machado, parando n'uma época affastada, deram margem a que o sr. Innocencio prehenchesse agora com vantagem essa lacuna, aliás tão prejudicial para quem tivesse de consultar ou lançar alguns dos traços biographicos dos nossos escriptores dos ultimos tempos. O *Tratado de Metrificacão*, do sr. Castilho, livro onde as seducções do estylo fluente, elegante e puro do poeta se casam com as atiladas reflexões do philosopho, completa este quadro de lucubrações de utilidade real para os elementos do ensino nas regiões da alta litteratura.

N'esta digressão pelos dominios escabrosos da philologia, toma um lugar distincto a ultima obra do sr. José Silvestre Ribeiro, *O Dante e a Divina Comedia*. A litteratura italiana, com pena o dizemos, é pouco cultivada em Portugal. O grande poeta toscano, o pae da poesia moderna, não tinha nem um expositor, nem um

commentador entre nós. Dante abrange o seu seculo: a sua monumental trilogia é uma epopéa universal. A historia, a poesia e a sciencia do seu tempo, resume-as este poema admiravel. Porém o que mais assombra n'esta producção excepcional, é a perfeição da linguagem que, como muitas das prophcias politicas d'aquelle genio, que transcende os seculos futuros por uma virtude de previsão que realisa o *mens divini* dos antigos, adivinha ella tambem todas as fórmas e alcança os primores de estylo, que o idioma italiano, ainda hoje depois de volvidas muitas eras, procura como o manancial mais copioso e puro em que se retempera, avigora e fecunda. Mas a difficuldade, como diz Villemain, é interpretar e reproduzir em lingua estranha uma tal perfeição, tão vivamente apreciada pelos nacionaes. Este trabalho tem sido uma das grandes fadigas dos glosadores e traductores. Para dar uma idéa clara d'esta vasta encyclopedia philosophica, historica e theologica, lembrou a admiração geral na Italia que se criassem cadeiras em muitas cidades, onde fosse explicada. Boccacio foi um dos philologos que occuparam a cadeira de Florença, constituida para esse fim. Depois, desde Piombino até ao padre Lombardi e desde o abbade Le Bassu até Rivasol e Artaud, os commentos, as notas illustrativas, as paraphrases, as dissertações multiplicaram-se a ponto que constituem hoje um ramo litterario que póde encher qualquer bibliotheca. E comtudo, no seio d'esta abundancia, d'esta superfluidade, digamol-o assim, por que muitos dos expositores e interpretes não fazem senão repetir-se e obscurecerem mais o texto; no meio d'esta babel escolastica e theologica, historica e critica, nós nada tinhamos senão a noticia vaga do auctor, fortificada por um ou outro estudo isolado da curiosidade de alguns raros eruditos.

O trabalho do sr. José Silvestre veio portanto prehencher esta lacuna. *O Dante e a Divina Comedia* é mais uma obra didatica, dentro dos limites da philologia, do que uma d'essas enredadas e metaphysicas dissertações, que antes confundem que elucidam o homem de letras na indagação do pensamento e nexo da obra colossal do poeta toscano. Mas é por isso mesmo que o seu merito sobe de preço. Só o que desejamos é que o 2.º volume siga de perto o primeiro; e que este trabalho se complete, porque é um auxiliar valioso para aquelles que conhecem o parentesco intimo que a nossa poesia tem com os queixumes que o amor e a saudade arrancaram ao talento apaixonado de Petrarca, que Tasso modelou na lyra.

Mas é impossivel fechar aqui sem indicar, com certo alvoroço misturado de contentamento, duas obras que estão em via de

publicação, e de ha muito reclamadas por grandes necessidades: referimo-nos ao *Sermonario* do sr. padre Malhão, e ao *Orador Sagrado*, collecção de bellos discursos que a modestia de um talento educado nos primores e inspiração das letras sacras deixa correr anonyma. Talvez nos fosse possível, e até licito, levantar uma ponta do véo d'este anonymo, e o nosso acto seria para muitos credor de elogios, por que a critica n'estas indiscripções innocentes, não faria mais do que apontar um nome já bemquisto e quasi que presentido pelas sympathias de todos. Mas não; respeitemos este melindre de um sentimento delicado, de que só póde ser juiz a propria consciencia.

No *Orador Sagrado* tornam-se notaveis os discursos do *Juizo Final*, da *Fundação da Igreja*, do *Evangelho aos Pobres*, e *Sobre o Escandalo*. Entre nós a eloquencia do pulpito, como arma de persuasão para o cathequista, e complexo de preceitos para a arte da palavra apostolica, tinha fechado o seu curso sobre o grandioso monumento erguido por Vieira. Um ou outro sermão disperso, accusandô mais a decadencia dos estudos ecclesiasticos, que os fulgores da luz viva do talento inspirado pelos dogmas do catholicismo, não nos aproximavam de sorte alguma d'esses triumphos do pulpito que depois de Bossuet, Massillon e Flechier, continuaram com gloria para a igreja Lacordaire e Ventura. O *Orador Sagrado* é um esforço com esse fim. Os mysterios da fé e as regras da moral evangelica, animando ou dirigindo o desenvolvimento de algumas das theses mais elevadas do christianismo, estendem o seu esplendor a varias d'estas orações, em que ha o vigor, mas ao mesmo tempo a doçura de uma crença fervorosa. A penna que os traça eleva-se pelos vôos de uma natureza ardente e pela força do enthusiasmo christão. Sem serem puramente theologicos, o que restringiria o seu influxo a um auditorio mui limitado, a fôrma dialectica é quasi sempre a seguida, e decerto a melhor para um século em que é necessario fallar á rasão para realisar as conquistas do espirito. O *Orador Sagrado*, a considerar o atraso da eloquencia do pulpito, e as poucas luzes do nosso clero, é de certo um bom serviço feito á igreja lusitana, e talvez aos bons e lucidos instinctos do povo portuguez.

Mais duas palavras e concluiremos este trabalho, que já vae longo, e que todavia não faz senão indicar ou saudar de longe, e ao correr, as manifestações mais esplendidas do estudo e do talento, no decorrer de um anno. E sejam essas poucas palavras, que ha ainda a proferir, uma reverencia honrosa a um ramo de applicação, que, tão deslembado das contemplanções da critica, tão desauxiliado de um nobre e efficaz concurso de forças,

vae comtudo progredindo. Alludimos á pintura e á esculptura, entregues hoje aos esforços e inspirações de alguns mancebos talentosos, que estão, pouco a pouco e a braços com serias difficuldades, edificando um periodo de gloria para as artes em Portugal. O magnifico episodio do sr. Metrass, *A leitura dos Lusíadas*¹ é já uma composição vasta, bem concebida e delineada, em que ha a louvar a belleza das linhas, o estudo dos grupos e o effeito geral da sensação de assombro, que a leitura do nosso primeiro poema épico produz na physionomia dos cortezãos de D. Sebastião. O assumpto é grandioso e sympathico: tem effeito dramatico e revela estudo de época; e tudo realçado pela entoação geral do quadro, em que o artista ostenta a facilidade de um pincel facil e elegante. Ha uma tal suavidade, um sopro de frescura agreste, uma harmonia serena em toda aquella paisagem de Penha Verde, que o espectador, arrebatado pelo mesmo sentimento do poeta, tem vontade de exclamar:

Oh! Cintra! oh! saudosissimo retiro,

Onde se esquecem maguas!!.....

.....
Quem descansado á fresca sombra tua

Sonhou senão venturas?!.....

O pincel incansavel, e sempre agradável do sr. Rodrigues, continua a provar-nos que se póde ser retratista apreciavel e pintor de merito. A ostentação da nobliarchia da fidalguia antiga havia tornado o retrato um ramo de pintura aprimorado, e até certo ponto apparatuso. As galerias de familia dos castellos feudaes, e os salões consagrados á recordação das physionomias venerandas dos avoengos, obrigaram a aristocracia britannica a chamar mestres celebres, como Holbein e Van Dyck. Em Portugal esta manifestação orgulhosa da nonbreza, segundo uns, ou preito pago á memoria dos antepassados, segundo outros, nunca passou de excepção. Galerias de familia completas, não as conhecemos. N'um ou n'outro solar derruido figuram os retratos gothicos d'este ou d'aquelle fundador de um ramo de nobreza, e de alguns de seus descendentes, mas isto alternado, incompleto, sem nenhuma das ostentações senhorís da vaidade e escrupulo da nobliarchia, que tanto alardeam ainda hoje nos velhos castellos que se erguem nas montanhas da Escossia e nas margens sombrias do Rheno. E sobretudo, esses pintores ele-

¹ Comprado por sua magestade o sr. D. Fernando para a sua galeria.

gantes, como Thomaz Lawrence e hoje Macnee e Grant, que souberam juntar ás tradições da escola flamenga as graças e mimos da phantasia moderna, nunca os houve entre nós. Hoje o sr. Rodrigues representa este genero, genero que allia á similhaça perfeita as ostentações e elegancias da moda. Presentemente raro é o salão da capital que não apresente algum dos seus trabalhos, que sobem de valor de dia para dia. Similhaça que illude, graça característica na attitude, frescura e mimo na carnação, velludos e setins que brilham, rendas que voam, joias e ornatos que scintillam, e isto tudo banhado na luz de uma atmosphera cambiante e frouxa, como a claridade crepuscular, eis os segredos e primores da sua palheta. Os retratos do fallecido patriarcha, o cardeal Guilherme, e o do arcebispo de Braga, o sr. Azevedo e Moura, reúnem todas estas bellezas e qualidades.

O do sr. Gonçalves, joven cirurgião arrancado á vida e á estima dos seus amigos (que eram todos que o conheciam), pelos seus excessos de zélo durante a fatal epidemia que ainda ha pouco assolou Lisboa, é tambem um trabalho primoroso, e que por ser feito apenas de memoria sobreleva o merito do artista, dolorosamente avivado pela saudade do amigo.

Um véo de lucto veio encher de tristeza os lentes da Academia das Bellas-Artes, com a morte prematura de um dos seus discipulos mais distinctos. Referimo-nos ao sr. Antonio José Patricio, pintor de genero, que ainda ha pouco chamára a attenção dos entendedores com a exposição de alguns quadros, onde se notavam com elogio os dotes do observador fino e chistoso de costumes populares, que mais tarde o collocariam, com vantagem, na carreira illustrada por Hogarth e Welkie. Mas parece que por um presentimento doloroso de seu fim proximo, o seu talento desabafára n'um instinctivo adeus ao mundo, produzindo o seu ultimo quadro, *A despedida á beira do mar!* Esta composição é já a previsão da alma que procura, em scenas analogas, a manifestação do sentimento que a consome, *A Tempestade*, concepção infinita talvez pela mesma ordem de idéas, completa a explicação do estado d'aquelle espirito, que via nas desordens da natureza a imagem das afflicções que se lhe debatiam no intimo.

Estes quadros, derradeira manifestação do seu talento apreciavel, foram comprados pelo sr. D. Fernando. O artista já não o soube: quando a compra se ultimava, já o sr. Patricio tinha deixado de existir para os seus amigos e para as artes. Lance a magoa e a saudade uma coroa de perpetuas sobre esta campa de um engenho tão malaventurado!

Os trabalhos do sr. Annuniação não são menos dignos de elogio. A *Ida para o trabalho*,¹ cuja estampa demos no primeiro numero da *Revista* e três quadros de criação,² formam a sua collecção mais notavel, no anno findo. E que naturalidade, que matiz e viveza de pincel em todos aquelles episodios de aves! A estes devemos reunir o *Cão de gado*,³ esforço felicissimo de imitação do natural, e uma *Vista de Sacavem*,⁴ risonha paizagem de uma tinta suave e luminosa, em que o pintor ostenta os esplendores da sua imaginação; na vivacidade e harmonia de uma palheta rica de realces de sombra e luz. O quadro de *interior* do sr. Christino, a *Estalagem*,⁵ em que os effeitos de uma grande força de luz dão relevo a toda a combinação da perspectiva, e o da *Fonte das lagrimas*,⁶ poetica fonte que os amores de um principe, e os cantos de um bardo tornaram immortal, constituem em pintura as producções mais notaveis do anno de 1858.

O sr. Victor Bastos prosegue na sua carreira de progressos. A sua estatua, em dimensões colossaes, do general conde das Antas,⁷ e um assombro para os intelligentes nos segredos da arte, a considerarem o pouco tempo que o artista tem de trato intimo com o cinzel. Tem a severidade e a elegancia de linhas dos bons modelos, e o garbo e a impavidez marciaes do guerreiro distincto de que perpetuou o nome. Aquella capa descaída sobre os hombros, com a magestade que não exclue a singeleza, dá-lhe a grandeza e a simplicidade de uma estatua antiga. Mas a obra preciosa do sr. Bastos é o busto do fallecido conselheiro Fonseca Magalhães, um esforço de similhante e um primor de cinzel.⁸

Porém, este nome illustre leva-nos ao necrologio. Esta revista acaba como acabam todas as coisas do mundo, com a morte. E que morte! A morte de um estadista celebrado, e de um orador, cujos rasgos de ironia fina, todos moldados na grandeza da tribuna antiga, ainda revoam nas duas salas do parlamento! A vida dos homens notaveis é sempre annuviada de tempestades que a inveja e a calumnia, de mãos dadas, sopram sobre os seus dias de

Tambem pertence ao sr. D. Fernando.

¹ Igualmente a sua magestade.

² Pertence ao sr. Estevão Palha.

³ Comprado pelo habil facultativo o sr. Alves Branco.

⁴ Pertence ao rei artista.

⁵ Do mesmo senhor.

⁶ Mandada fazer por uma comissão de amigos do finado para ser inaugurada no cemiterio dos Prazeres.

⁷ Mandado fazer por seu filho o sr. Luiz do Rego.

maior gloria. É só quando a mão da morte arrebatada estes vultos gigantes das scenas actuaes da politica, e que se lhes abrem as portas da posteridade, que a rasão publica, desassombrada do peso das ruins paixões, os avalia com justiça e lavra o seu panegyrico com verdade.

Triste condição do peito humano, que só em cima da lousa do sepulchro confessa as virtudes d'aquelles que ella nos encerra para sempre!

É no epitaphio que começa o biographia sincera dos grandes homens. Com o conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães aconteceu assim. Em sua vida, os odios pequenos e as malquerenças de partido ergueram muitas vezes armas traiçoeiras, que foram até ferir o ministro no mais intimo e sagrado de seus affectos de familia; mas depois que aquella grande luz se apagou, essas mesmas armas se viram em funeral, e em roda da lapida, ainda descerrada, não mais se ouviram senão vozes de dôr e de saudade.

O dia do enterro do distincto estadista foi para Lisboa de uma sensação profunda. Duas alas de concorrentes, em que se viam todas as classes pópulares, todas as gerarchias e condições, todos os partidos e sympathias, seguiam desde a igreja da Lapa até ao cemiterio dos Prazeres. Ahi, quando o féretro desceu á sepultura, os srs. Fontes Pereira de Mello e Casal Ribeiro, no meio de um silencio religioso, que era a expressão do sentimento de uma grande perda que não deixava respirar as magoas de amizade, resumiram em breve, mas eloquentes palavras, as dôres da sua saudade e os dotes do orador notavel e do ministro illustre. Desde este momento, o homem havia desaparecido e o estadista eminentemente começou de ser avaliado. Amigos e adversarios perceberam que da arena, ainda estremecida das convulsões das nossas discordias intestinas, tinha saído, e para sempre! o conciliador perspicaz, o homem de bom aviso e presciencia politica, o espirito emfim que comprehendia os progressos da sociedade, mas realizados fóra do antagonismo irritavel dos conflictos partidarios.

O conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães deixou um vácuo difficil de substituir. Homem dotado de uma alta rasão, intelligencia versada nos bons modelos da antiguidade, antigo e esclarecido jornalista, possuindo em subido gráo os dotes repentistas da palavra, a sua perda é incalculavel. Como disse Talleyrand de Mirabeau: a sua cadeira no parlamento está vasia: enche-a apenas a memoria do seu immenso talento.

ANDRADE FERREIRA.

HISTORIA D'UM CASAMENTO

I

Era uma vez uma creatura d'essas que vem a este mundo fadadas para não serem coisa alguma, e que presumem ser o mundo o empecilho que as não deixa tomar posse dos altos destinos para que nasceram.

É escusado dizer o sexo da creatura.

Não conheci, nem me consta que haja mulher descontente do que é, imaginando-se victima de conspiração social, que lhe embarga o accesso a gloriosos destinos. A mulher tem chimeras, idealisa utopias, povôa de anjos o ar, recompõe o céu de mais lindas visões que Santa Thereza de Jesus e Mahomet; porém, de tudo isso, que a imaginativa do homem remeda no verso e desconhece na visão interior, a mulher—ainda aquella que não distingue a prosa do verso, melhòr que mr. Jourdain—fórma um éden á volta do seu coração, e cria para esse éden um ente perfektissimo que é o amor. Todas as maravilhas que sonha, todos os mundos que allumia com a lampada celestial de sua innocencia, todas as donosissimas creações em que traz doida de jubilo a phantasia, tudo isso é do seu amor, e para o seu amor o fez.

Se fatalmente, não ha paraíso sem pomo vedado, no paraíso immaterial da mulher, onde o amor se revê, soberano da creação, em tudo que o serve e incensa, o pomo vedado é o primeiro desengano. Chegando este, apaga-se a lampada da innocencia, in-

tenebrece-se a manhã da vida que promettia uma primavera infinita, abre-se um golphão de trevas debaixo de cada paço de Armida desmoronado, e a imaginação esvae-se-lhe como na alvorada o luzir tibio das estrellas. D'essa hora em diante ha um só brilho, triste como o reflexo de lavareda infernal, no coração da que fizera mundos da luz, que o senhor negára á face do sol, para vestir com ella a phantasia da mulher: esse triste reflexo é o gladio flammejante do anjo da descrença, que defende a entrada do coração ás sanctas esperanças, ás puras visualidades da innocencia.

É, pois, o idealisar da mulher uma feição, a mais bella e original feição do seu amor, e mais nada. Extincto este, a faculdade inventiva d'aquella morre de inanição. O positivismo reina absoluto nas ruinas de uma alma, que nem se quer recorda a florescencia do seu imperio. Nenhuma ambição pequena ousa renascer das cinzas de ambições grandiosas. Não ha compensação de miseravel egoismo que lhe reaccenda a cubiça dos mesquinhos thesouros d'esta vida desluzida e despoetizada.

O homem não é assim. Tem uma primavera, muito festão, muita fragrancia, mais ramalhetes que em festa de orago de aldeia. No centro d'esse jardim, colloca elle uma colmeia de virgens umas loiras, outras de ébano, outras de alabastro, virgens de páo, de pedra, de carne e osso, todas corpóreas porque a mais etherea imaginação de homem materialisa para entender, e para que a intendam.

Dissera o Sá de Miranda que poetas tudo punham em flores, e dos fructos nada havia que esperar. Duvido da sinceridade do doutor. É tradição que os melhores repolhos e cebolas do Minho cultivou-os elle na sua quinta da Tapada, e a mais feia mulher do norte lhe coube a elle em sorte, e a virtude sublime, que os biographos lhe dão á feia e avelhada consorte, é ter sido uma economica e zelosa administradora do casal. Digam lá que os poetas tudo poem em flores!

O poeta, quero dizer, o que faz da sua vida de dois ou tres annos chronica em verso, é como o figurão que no dia 1.º de maio passeia as ruas de algumas villas de Traz-os-Montes, vestido de giestas floridas de amarello e branco, cantando «as maias» diante das adufas de rotulos, por onde a louçã mocinha da casa, lisonjeada nas trovas, lhe atira a moeda de cobre.

Ao declinar do sol, o florido «maio» despe as viçosas ramagens com sofrega impaciencia, chama a contas o thesoureiro das dadivas, e joga com elle o murro, na hypothese quasi sempre justa de que elle cumpriu indignamente o seu mandato. Liquidado o producto das trovas e das cortezias ramalhudas, o festeiro do mez

das flores, funde os vintens escassos n'uma bodega, e faz das giestas vassouras com que mimosea a mãe.

Encarreguem-se agora os apreciadores meticolosos de allegorias de compararem miudamente o poeta das trovas com o poeta das giestas. O phrenesi famelico com que este sacode os penachos e ramagem pendente dos hombros, e as gabellas apertadas na cintura, faz-me lembrar o que eu tenho visto, e espero continuar a ver, nos meus amigos poetas, chegada a hora da prosa, a hora tremebunda em que as leis do estomago insurgem contra as veleidades pulvêreas do espirito. O poeta, se não faz vassouras dos festões de jasmims e rosas com que enfeitava madonas e meduzas, alguém se encarrega de fazer prestadias todas essas flores em papel cujo aroma muitos leitores pela primeira vez aspiram, quando não é a manteiga inclusa que lhes encanta mais o olfacto.

E ao cantor, ao modesto cantor que se lhe dá d'isso?

A essa hora está elle já não em florescência, mas sim em fructificação. «Será bom que os ultimos dias se passem em flores?» disse o Vieira n'um sermão de penitência, quando os effluvios das flores eram visco á virtude das moças como o aroma da mandrágora, e o versista era, *ipso facto*, um manancial de peccados, uma tentação, um demonio.

N'esse tempo era o poeta mais poeta, ou o estomago menos estomago. Morriam a cantar como o rouxinol de Bernardim Ribeiro os que traziam o diapasão do céu. Aos vinte, aos quarenta, aos setenta annos, gemia sempre o amor chronico, o amor que resistia a uma dor sciatica, o amor que se envergonhava de viver no peito, paredes meias com a viscera ignobil, em que tu, leitor, e eu, o primeiro dos teus admiradores, capitalisamos os grandes credits a haver de uma sociedade que duvidou da legitimidade das nossas pretensões.

Isto agora é melhor, acho eu.

Murcham as flores, e lourejam as messes. Despe-se a arvore das louçanias do aroma, e reveste-se dos engodos ao paladar. Desvanece-se dos horisontes da imaginação o seio afflante da mulher amada, e desenha-se a olho visto, a distancia palpavel, o espaldar de uma cadeira parlamentar, uma escrevaninha em secretaria de estado, ou alfandega, ou no funcionalismo ideal de uma repartição de policia.

Se a má fortuna se nos atravessa nas aspirações, entramos a bradar contra o mundo que nos não entende, contra a ingratição das gerações que deixaram beber a cicuta a Socrates, a chave a Gilbert, a zurrapa franceza a Filinto Elisio, e o ar azul do céu azul com brizas azues a Lamartine, que pede ao mundo que lhe

pague as dividas, para desmentir, com grave damno dos outros poetas, que o poeta é de sua natureza insolúvel e inválido.

Com a sorte esquerda de Lamartine sempre diante dos olhos os Lamartines, fallidos antes de contrahirem dividas, sacrificam as Elviras na hecatombá do orçamento, e deixam-nas embora tredas e desleaes, em paz de consciencia, em quanto elles, esquecidos do seu dictionario de consoante do Candido Lusitano, vão vociferando em prosa villôa, prosa de correspondencia de jornal de opposição, contra uma patria que vê os seus Belisarios e Pachecos, os seus Homeros e Camões desmedrados e intanguidos, perecerem á mingua de uma verba.

Se a conseguem, se a patria envergonhada, ou aborrecida do impertinente berreiro dos filhos que lhe chamam madrasta, os chama ao seu regaço, (o regaço da patria para o poeta estende-se desde o banco de amanuense de 2.^a classe de alfandega, até á poltrona ministerial) ainda assim, ha sempre um destino falseado para esses homens de condão asiago, tolhidos em sua carreira pela ignorancia das massas, pela mal-querença da inveja, pelo ciume dos estadistas encartados, pela estrella malefica, socia negra do genio e do merecimento em toda a parte.

Ora eu conheço um d'estes bodes expiatorios que os seculos immolam nas aras da iniquidade, borrifadas pelo sangue de Socrates, de Seneca, de Catão, de Cicero, de Malherbe, e dos outros que o leitor não, comprehendido quizer encabeçar na sua colonia de martyres.

Chamava-lhe o mundo um exquisito; e eu que sou da escola de Boileau, chamava-lhe um tolo, e denominando-o assim, praticava um acto de justiça e moralidade que espero me sirva para o desconto de algumas injustiças.

No artigo mulheres, era uma coisa impossivel João Nunes das Neves! A ser verdade o que dizia, só elle á sua parte fizera mais sanctas com o martyrio do seu desdem, que os tigres de Diocleciano e Nero. Só na letra *M* tinham morrido, dizia elle, cinco *poitrinarias*, e duas de congestão cerebral, e assim por diante desde o *A*. até ao *X*, em que havia uma *Ximena*, da qual elle contava uma tragedia mais horrivel que o nome.

Conheci este homem a passear leitões de jumenta em Braga. A enfermidade que lhe ameaçava os dias, n'essa época, era um «desfallecimento d'alma» complicada com azias de estomago, resultantes de indigestões causadas por insomnias, e estas insomnias procedentes de vigílias, e estas vigílias consequencias de aturadas meditações ácerca do seu destino. Era uma pathologia completa o sr. João Nunes; e o leite da asninha, quer fosse por *sympathia*

de indoles, quer por virtude medicatriz, compoz-lhe o estomago derrancado, e fel-o dormir. Diga-se, de passagem, que eu lucrei muito com este segundo beneficio.

«Qual é o meu destino? — dizia elle, batendo com tres dedos no osso frontal, e inviesando para o céo os olhos scismadores— Abri em minha alma um molde para a mulher, que deve encontrar-se comigo na face do globo, e o molde está vasio, e a mulher, impellida pelo furacão da desgraça que me açoitou desde o berço, affastou-se de mim para sempre, e geme talvez como a rola solitaria no ramo secco da arvore da encosta. Tenho abraçado phantasmas nas minhas sedes calcinantes de Tantaló. Os meus labios abrasam. Quando rosso com elles os labios da mulher vejo-a debater-se nas angustias da peçonha que lhe cõa as arterias. Anceios e tedios, phrenesis e paralsias, furias amorosas de Othello e friezas subitas de Saint-Preux, são e tem sido a alternativa da minha atribulada existencia. Qual será o meu destino?

Nunes fazia-me medo com estas explosões, porque eu ás vezes não sei distinguir entre tolo e doido, e confesso que tenho medo dos doidos. Não era caridade abandonal-o, mas pretextei motivo para deixar a completa cura d'este anjo cahido ao leite de jumenta.

Tres mezes depois, estava eu n'uma photographia do Porto, e vio-o entrar.

«Por cá?! — disse eu.

— Por cá, e por toda a parte, o Assavherus da lenda, o maldito dos homens...

«E das mulheres, não?

— Oh! essas...

E alongou os beiços com um ar de piedade, que queria dizer: «coitadinhas!»

«Vem retratar-se? — tornei eu.

— Passava, vi uma taboleta, subi, e retrato-me....

«Com bella phisionomia. O sr. Nunes parece-me bom agora.

— Sou um sepulchro branqueado por fóra e cheio de vermes e podridão.

«Pois o leite da jumenta...

— Mas a alma?

Receioso da estopada, furtei-me ao dialogo, mostrando-lhe em uma taboleta bonitas medalhas de varios tamanhos para retratos.

«Esta é linda — disse eu, apontando-lhe uma — um rosto de anjo enquadrado aqui, e pendente sobre o coração...

— De quem o tiver... disse elle, bambaleando a frente sinistra, e carregada de electricidade.

Nunes encostou-se á mesa da taboleta, apoiou a fronte na palma da mão direita, e murmurou:

«A providencia será o acaso?... Veremos.

II

«A providencia será o acaso?» dissera João Nunes das Neves, e permanecêra silencioso por espaço de alguns segundos, rufando nos dentes incisivos do queixo superior com a unha do dedo pollegar, que se inclavinhava pelos outros, fazendo uma figa. Não era nada bonita a cara de Nunes com esta visagem. Acostumára-se elle a esta exquisitice de máo effeito esthetico. Todas as vezes que o espirito de Nunes, gravido de idéas, entrasse em dores parturientes d'algum grande axioma ou descobrimento psychologico, era certa uma figa, uma careta, e um rufo na dentadura esverdeada e anarchica.

«Sabe no que eu estava scismando? — disse elle encaracolando as guias do bigodê.

— No insolúvel dos problemas da vida, como sempre, não é verdade?

«O sr. já estabeleceu principios theoricos de que tirasse, na vida pratica, as consequencias contidas n'esses principios?

— Não intendi bem...

«Quero dizer se alguma vez conseguiu chegar por onde toda a gente chega a um dado ponto do mappa-mundi moral.

— Olhe que ainda o não intendi sufficientemente sr. Nunes. V. S. esteve muito tempo nos mundos incorporeos, e está ainda fallando o idioma d'esses mundos defesos...

«Ao sr. ? Isso é impossivel ! O meu caro senhor é poeta, e romancista. Como poeta, tem obrigação de saber...

— Que uma decima tem dez versos, que o verso póde ter desde duas até treze syllabas, que o hendicassyllabo póde ser saphico e...

«Essa é a porção ignobil do poeta, permitta-me que lh'o diga. Eu fallo do arrobamento, do extasis, da etherisação, dos imponderaveis, da ave celestial do genio que se peza em suas azas rossando as nuvens, e perde da vista o baixo tremedal d'este desterro em que patinham os alarvês felizes. Queria eu dizer-lhe que ha principios geraes com consequencias infalliveis para o commum da humanidade. Exceptuados ha, porém, d'esta regra, e estes são os grandes desgraçados, quando teimam em esperar a felicidade na estação em que o vulgo a espera. Vou dar-lhe um exemplo de stricta e rigorosa verdade. Qualquer homem,

resolvido a identificar-se na alma de uma mulher, a associar-se uma companheira para os serenos contentamentos da familia, a repartir com ella o pão de seu trabalho, e a poesia exuberante de seus thesouros ignorados e cerrados, o que faz?

— Offerece tudo isso á mulher que lhe parece ser a predestinada para dar e tomar o quinhão d'essa felicidade.

«Justamente. Das duas uma, ou a mulher traz de cima a predestinação, e as esperanças não tombam do seu pedestal, ou o tempo desluz a poesia que alluminára o homem, e a alma, fatigada de illusões, descança e revigora para outras.

— É claro.

«Ha homens, porém, que nem ao menos experimentaram o intervallo das illusões: homens que atiram o seu coração a uma pedra, como o ignaro sementeiro do evangelho, e querem que elle fructifique: homens contumazes que se torturam voluntariamente querendo forçar os olhos a verem na mulher a predestinação que elle não tem.

— Isso são doidos.

«Doidos, não; infelizes, carrascos immeritos de si e das victimas, almas penadas, que cumprem na terra a sentença de Tantalos, de Sisipho, de Prometheu, e das Danaides. Para esles não ha o que se chama a logica da vida, isto é, a cadeia de successos methodicamente derivados uns dos outros; ou pelo menos o bem-estar não procede do bem-pensar, nem a realidade se envasa nas mais verosimeis fórmulas da theoria. Convencido ha pouco, d'esta verdade, por um d'esses subitos lampejos que visitam o homem trabalhado na averiguação do seu destino, vou tentar a derradeira experiencia, vou abraçar o absurdo, em que cria Santo Agostinho, o absurdo azar em que espero fazer, senão bom jogo, ao menos hei de obter um successo pelo menos igual aos que tenho obtido empregando o raciocinio, a meditação, o calculo, e a experiencia.

— O sr. Nunes acaba de criar alguma coisa, ou eu sou um tolo singular! Posso entrar no segredo da sua idéa, e até aproveitá-la para mim, se dá licença?

«Venha cá o senhor. Eu volto as costas para todos estes retratos de mulheres que ahi estão n'essa fileira.

Referia-se João Nunes ás provas que o artista expozera, com permissão das senhoras retratadas.

«Veja-as o senhor, continuou elle, e eu raparei — Conhece-as?

— Conheço-as quasi todas.

«Devem estar ahi algumas solteiras.

— Conheço sete solteiras.

«Póde em poucas palavras, sem me dizer quem são, dar-me uma fugitiva idéa do porte de cada uma?»

— Posso: são todas meninas honestas, algumas com bom patrimonio em dinheiro, e outras com melhor patrimonio em virtudes.

«Não lhe pergunto se são bonitas, porque é de presumir que o sejam, aliás não consentiriam a exposição. Agora, escolha de entre essas uma.

— Que escolha?! Já vejo que o systema não só é original, mas tambem agradável: resta saber se a minha escolha depende do consentimento da escolhida.

«O sr. está gracejando, e eu digo-lhe com seriedade que escolha d'essas sete mulheres a que eu devo julgar desde este momento em diante a minha predestinada.

— Entendi agora... Se o meu amigo deixa ao meu arbitrio a sua felicidade, deixe-me examinal-as com a seriedade que o caso pede. O senhor gosta do rosto oval, ou redondo?

«Não me faça perguntas d'essas: eu não sei do que gosto. Hei de vel-a, quando a tiver acceitado da mão do acaso.

— Pois bem... está feita a escolha. Póde vel-a.

Nunes voltou-se com a mais comica seriedade; fitou-a menos de um segundo, e disse:

«Será esta.

— Conhece-a? — disse eu.

«Não.

— É filha de um pintor, diz-se que é mais illustrada que o vulgar das mulheres, tem tido uma vida irreprehensivel, e rejeitou a proposta de casamento com um lorpa dinheiroso, chegado no paquete do Brazil. Gosta deste typo?

«Não sei se gosto. Ha de ser minha mulher. Imagino já que a amo ha annos. O sr. é amigo do dono d'esta officina?

— Conheço-o.

«Poderá obter d'elle uma copia d'este retrato?

— Duvido, mas instarei.

Pedi ao artista que m'a concedesse sem receio de indiscripção. Recusou, dizendo que a menina retratada, se um dia soubesse que do seu *atelier* saíra cópia do retrato, sem expresso consentimento d'ella, não lhe perdoaria o abuso de confiança.

Communiquei a resposta a João Nunes, e elle disse serenamente: «Não importa.»

Sentou-se na cadeira, defronte da machina, e fez-se retratar escolhendo das medalhas, que examinára, a mais bonita e portatil.

No dia seguinte, enviou o seu retrato a Maria da Luz, que assim se chama a filha do pintor, com a seguinte carta:

«O homem que lhe escreve é o original d'essa cópia que vê, e até um original sem cópia possível, se v. ex.^a o entender assim.

«Tenho trinta annos, e chamo-me João Nunes das Neves. Possuo sobejos bens de fortuna para ter sido até hoje desgraçado, porque, sob minha palavra de honra lhe juro, que nunca pude comprar um prazer, nem ainda soube enchugar uma lagrima com dinheiro, nem consolar as que o meu dinheiro faz chorar.

«Ando ha quinze annos atraz do amor. A minha historia é a dos passaros que depinicavam as uvas fantasticas de Apelles. Não sei o que é o amor, nem o sinto ainda. A borboleta, cansada de levar a spiral ás antheras da flor contrafeita, cáe desfallecida.

«Vi o seu retrato, e imaginei a felicidade. Não lhe digo que a amo. Offereco-lhe a minha vida que é mais alguma coisa.

«Se lhe são repulsivas as feições do homem que lhe escreve, rejeite-me; dê-me, porém, um ostracismo á parte do brasileiro que rejeitou ha pouco: protesto contra o favor de um companheiro de infortunio.

«V. Ex.^a cuida que está a contas com um doido. Sel-o-hei eu na verdade? Puro e perfektissimo juizo dos anjos será esta doidece se por ella se chegar a discernir entre a desgraça da solidão e as alegrias da sociedade com uma amiga, mais desvellada que irmã, e mais extremosa que mãe. Deus insandece os que quer perder; é dito das Escripturas Santas; a mim quem sabe se indoidece para salvar-me!

«Não sei que mais lhe diga.

«Dou-lhe oito dias para responder ou para não responder.»

Uma hora depois, João Nunes recebia no seu hotel este bilhete:

«Vi-o ha cinco mezes em Braga. Perguntei o seu nome, e contaram-me parte da sua vida. Primeiro horrorisei-me, depois compadecei-me. Nenhum homem é por sua vontade infeliz e os espinhos, regados pelas lagrimas que faz verter, cercam-lhe a fronte de uma coroa que o não deixa descansar d'algum lado. Se não tem irmã, nem mãe, e quer uma amiga, dou-me a si, e acceito o titulo com que quizer sagrar esta alliança.

«Não digo alliança de infelizes, porque não tenho sido nem sou infeliz. A minha vida obscura é um remanso de agua lymvida e morta, onde nunca chegou a vaga batida das tempestades.

«Está escripto que a vida é uma prova. Tem-me parecido que não para as pessoas contentes com sua sorte. Se está nas suas mãos o meu calix, acceito-o.

Maria da Luz.»

Vi esta carta na tarde d'esse mesmo dia. João Nunes denunciava um jubilo tão sincero que me obrigava a crer ás maravilhas estupendas de que é capaz um exquisito. Curvei o joelho tambem ao absurdo. Cheguei até a persuadir-me de que o tolo tinha sido eu, sorrindo-me á sucapa da theoria, que expuz, da lavra d'elle, e com a qual ainda agora me não entendo bem.

A prespectiva d'esta singularidade de Nunes, que até então me parecêra a desgrenhada cabeça de um romance inverosimil, affigurava-se-me agora com tendencias para o mais mechanicamente corrente, prosaico, e plebeu dos desenlaces.

Esperava eu que Maria da Luz respondesse devolvendo-lhe carta e retrato, por algum dos irmãos, que se presavam de cavalheiros, e costumavam provar que o eram com logica de cana da India.

Esperava mais que o provinciano, causticado pela zombaria dos portuenses a mais dolorosa de todas, porque em parte alguma do mundo se insulta com um riso mais gallego e petulante, esperava, digo, que a desconcertada cabeça de João Nunes se desarranjasse de todo, ou a extravagancia fizesse crise, como se está vendo que faz em muita gente mais tola que elle.

Pasmado da direcção das coisas, por um triz que não fui a casa do photographo escolher uma das outras seis, e ensaiar por minha conta a apologia do absurdo. Dissuadiu-me da tentativa a certeza de que tinha sido infeliz com quantos absurdos quizera converter á logica da vida positiva.

Entretanto, João Nunes não sei que cartas escreveu e respostas teve: o certo, o sabido, o facto, cujos precedentes pouca gente sabe, é que o morgado do Reguengo das Toupeiras casou vinte e sete dias depois com a sr.^a D. Maria da Luz.

Se querem saber a vida intima de João Nunes, casado, refacam-se de paciencia para ler a seguinte carta que elle me escreve, um anno depois:

«Meu amigo
«Pelo almocreve, que levou os presuntos, lhe escrevi, dando-lhe parte de que sou pai de um robusto rapaz, que, apenas conta um mez, e parece que tem oito! Minha mulher abateu um pouco da sadia nutrição que estava gosando; mas começa a restaurar as forças e cores salubres que adquiriu n'estes bons ares e com as puras aguas que por cá se bebem. Eu cuido da lavoira, vou muito á caça, e entertenho-me com o pequerrucho. A Mariças esta toda empregada na criação dos perús e dos patos. Manda-lhe ella perguntar se será possivel obterem-se amostras de algumas raridades galinaceas expostas na Exposição Agricola do anno passado. Tambem o incomodarei pedindo-lhe que saiba os

preços dos differentes arados expostos, e bem assim o preço actual da sêda em casulo, e por quanto poderei haver tres milheiros de amoreiras para plantação. Bem quizera haver um bacoro da raça dos cevados do Allen; não sei se é possível o appetite. Tenciono mandar á exposição do anno seguinte uma excellente junta de bois barroãos, creados em minha casa, e uma poldra portugueza que já tem quinze pollegadas e tres linhas. Não lhe roubo mais tempo. Recados da Maricas, e um abraço do seu

Nunes.»

«P. S. Que tal acha os presuntos? Diga-me se os de Lamego serão mais saborosos! ?...»

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

AQUELLE DIA?



Jámais me ha de esquecer aquelle dia!
Do meigo outono a pallida folhagem
Inda os troncos do bosque revestia;
Serenos estava o céo, doce a bafagêm,
De toda a natureza
Infinita saudade respirava;
Mas n'aquella tristeza
Feliz o coração se dilatava.

Feliz, ai! tão feliz que'inda á lembrança
D'esses dias de amor e de ventura,
De paz e de esperança,
Se anima, e vê sorrir na noite escura;
Um reflexo da estrella resplandente
Que uma vez lhe brillou serena e pura.
Inda a sombria nevoa do presente
Se rarefaz, se esvae e se illumina
Tudo a seus olhos de uma luz divina.

Oh! tu lembras-te bem d'aquelle dia!
Nem o lento correr de tantos annos,
Nem as tardias horas que vieram
Depois, cheias de amargos desenganos,
O encanto desfizeram

Da inspirada, divina poesia,
 Que elle continha em si, que elle nos deu,
 E nós guardâmos como um dom do céo.

Era êrmo o logar: êrmo, mas bello;
 Profunda a solidão de quando em quando
 Escutava-se o cantico singelo
 Da estrangeira avesinha, que buscando
 O sol do nosso inverno,
 A voz desfallecida fa soltando,
 Com saudades do *ninho seu paterno*.

No extasi ideal do sentimento,
 Tu erguias os olhos silenciosa
 Para o sereno azul do firmamento;
 E da bocca formosa
 Reprimir um suspiro em vão tentavas...
 E que n'esse momento,
 Exhausta a escalla do prazer, anciosa,
 Uma nota ná dôr emfim buscavas!

Nas nossas almas existia um mundo
 De indefinito amor;
 Do pelago profundo,
 Onde ruge o furor
 Insano, concentrado, atroz, maldicto
 D'esta cruenta guerra
 Das ambições da terra,
 Nem uma maldição, um som, um grito,
 Nos vinha perturbar!
 Era a amplidão do céo, a solidão da serra,
 Ao longe a voz do mar!

Depois, como se a mão da Providencia
 Inundasse meu ser n'aquelle instante
 Da luz d'outra existencia,
 Julguei ter visto a origem fulgurante
 D'onde provêm a chamma,
 D'este immortal amor que nos inflamma.

À idéa então da morte
 Sentia-me sorrir, porque na hora,
 Que no-la dêsse a sorte,

Brilhava para nós serena e pura
 Essa immortal aurora,
 Que reluz nos umbraes da sepultura.
 Iriam nossas almas,
 Já livres de martyrio,
 Colher as flores e mimosas palmas
 Que vecejam no Empyrio!

.....

Tudo enfim acabou! A noite escura
 Envolvera em seu manto aquelle dia;
 E de tanta poesia
 Que resta para nós? — Uma saudade,
 E a esperança que um dia essa ventura
 Nossa outra vez será na eternidade!

Agosto de 1858.

BULHÃO PATO.

A BOM ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA

PROVERBIO *

A scena é n'uma sala contigua ás salas do baile.

SCENA II.

O VISCONDE, A CONDESSA, A MARQUEZA.

MARQUEZA — Ainda estás aqui, condessa?

CONDESSA — Deixei-me ficar... conversando com o visconde.

MARQUEZA — Não me parece feliz a idéa! Já no baile se reparava na tua demora.

CONDESSA — Então que diziam?

MARQUEZA — Que ouvias com demasiada attenção os discursos do visconde.

CONDESSA — *(a meia voz)*. Talvez se não enganem!

MARQUEZA — *(do mesmo modo)*. Então para que serve uma tia? Dispõe de mim, e nunca esqueças que tudo se póde fazer, conseguindo salvar as apparencias.

VISCONDE — Até já, minhas senhoras *(retira-se)*.

SCENA III.

A CONDESSA, A MARQUEZA.

MARQUEZA — Não queres saber o que se dizia no baile a teu respeito?

CONDESSA — Quero, sim, minha tia.

MARQUEZA — Á mocidade falta experiencia, e receio muito que as tuas leviandades te venham a comprometter algum dia. Pois

* Conclusão do numero antecedente.

sáes ao mesmo tempo que o visconde, demoras-te a fallar com elle, e não queres que as más linguas façam o seu officio?

CONDESSA — Seriam injustas comigo... Encontrei o visconde por acaso.

MARQUEZA — Acaso em que o mundo não acredita, porque é evidente que vivemos n'uma época absurda. Deram em suppôr rasoavel que as mulheres se sacrificuem pelos homens, e por tanto não hão de achar extraordinario nem inverosimil que manifestes com ostentação a tua sympathia pelo visconde.

CONDESSA — Mas o que me aconselha agora, minha querida tia?

MARQUEZA — E proclamam-te por ahí uma mulher de espirito! Infeliz, serias tu, se não possuisses uma tia, que ainda teve o prazer de assistir aos grandes dias da monarchia legitima...

CONDESSA — E depois?

MARQUEZA — Querem por força que gostes do visconde? Pois converte o visconde em teu humilde adorador.

CONDESSA — E se elle amar outra mulher?

MARQUEZA — Isso é mais sério. Ama-o ella tambem?

CONDESSA — Penso que não.

MARQUEZA — E duvidas do teu triumpho? Viuva elegante, formosa e rica, invejada por tantas mulheres, quem é que te poderá resistir?

CONDESSA — Mas, minha tia...

MARQUEZA — Sé sincera comigo. Que idéa fazes do visconde?

CONDESSA — A mais favoravel. É uma excepção n'esta nossa sociedade que se affadiga em explorar minas, em construir caminhos de ferro, em fabricar barretes de algodão para salvar de constipações os maridos de saude melindrosa. Pois acreditará, minha tia, que nunca se propoz a deputado, que nunca quiz ser camarista para estar de pé dias inteiros, e que é da mais completa ignorancia em finanças, em economia politica, em todas essas sciencias inventadas para tormento dos homens de espirito e dos christãos velhos!

MARQUEZA — Começo a sympathisar com o teu visconde. Alcançarás n'elle um bom marido. Ha de acompanhar-te aos bailes sem se desculpar com os trabalhos da camara, e não terá enchaqueca e ataques de nervos em dia de theatro italiano. Acertas bem se o escolheres para consolação da tua viuvez.

CONDESSA — E se elle sentir horror ao casamento como dizem?

MARQUEZA — Terá elle dividas?

CONDESSA — É mais que provavel.

MARQUEZA — Mas se assim é, ha de dar parabens á sua fortuna. No meu tempo o casamento era um negocio de familia, hoje é

apenas uma operação commercial, um contracto synallagmatico e bilateral, como dizem os advogados. Os mercieiros que nos dominam fizeram do altar do hymineo um balcão, e reduziram o amor conjugal a uma *conta corrente*: não ha Romeo nem Antony que hesite em ir á igreja para escapar a uma prisão por dividas.

CONDESSA — A nossa situação é bem diversa. Sympathiso com elle, creio tambem que me não vê com indifferença, e, por tanto, será facil uma *cordeal entente*.

MARQUEZA — Condessinha, olha bem, não te apaixones. Dois esposos que chegam a converter-se em amantes, nada ha mais absurdo. O problema social no matrimonio é simples; toma-se um marido como hoje os periodiqueiros escolhem um editor responsavel, e deixam-se as exaltações amorosas para as novelas. Era este o systema que seguíamos, quando eramos moças, e nunca hão de voltar melhores tempos.

CONDESSA — Não o diz assim a historia.

MARQUEZA — Não falles de leve no que formalmente ignoras. Essés poetas de agua-doce, e esses philosophos de pouco mais ou menos, que namoravam as nossas criadas e a quem davamos ás vezes de jantar, pagaram os beneficios que de nós receberam propagando calumnias, e dizendo horrores contra a nossa vida e costumes... Olha que te debes reputar muito feliz por viveres n'este seculo insipido... Seculo em que os negreiros se tornaram principes e Amphitriões, e os usurarios em desconto dos seus peccados, dirigem as sociedades de beneficencia, e não fallam senão em caridade! Seculo, em que as mais honradas familias, a preço de uma chicara de chá verde, e de uma contradança, se tornam indirectamente cúmplices dos maiores escandalos. De novo não ha senão camaras e orçamento: duas petas de que os nossos lacaios se ririam! Olha, menina, vou entrar no baile; espera-me aqui um momento. Manda embora a tua carroagem: irás na minha. Indo comigo, ninguem terá que dizer.

SCENA IV.

A CONDESSA SÓ.

Gosto de ouvir esta minha querida tia! Tudo lhe parece facil. Se o visconde não for o homem que supponho, havia de fazer uma bonita figura!

SCENA V.

A CONDESSA, O VISCONDE.

VISCONDE — Confesso-lhe, condessa, que venho irritado d'esse maldito baile. Se não houvesse ainda algumas pessoas amaveis

e espirituosas, como v. ex.^a, todos haviam de preferir os botequins e casas de jogo ás salas.

CONDESSA — Então o que lhe aconteceu?

VISCONDE — Sua tia fallou verdade. Atrevem-se a dizer que o nosso innocente encontro é nada menos que uma formal entrevista.

CONDESSA — Não é novidade para mim. Contava com isso. Mas que se lhe ha de fazer? Os maldizentes hão de a final cançar-se de fallar.

VISCONDE — Applaudo a estoica resignação da condessa. Mas nem por isso deixo de ficar magoado com tão absurdos rumores. Não será acaso permittido conversar com uma senhora formosa e elegante, ainda nossa prima, quando ella se retira de um baile por estar enfasiada? Querer-se-ha converter uma sala n'uma especie de taboleiro de bichos de seda, aonde só se vegete e coma, no mais profundo silencio?

CONDESSA — Ora diga-me, visconde, afflige-o muito o julgarem que me faz a côrte, e de que eu lh'a aceito?

VISCONDE — Seria isso para mim uma grande gloria. Mas se continuam taes boatos poderá ser que me veja obrigado a fazer visitas menos frequentes ao Eden aonde v. ex.^a habita.

CONDESSA — Agradam-lhe então as nossas modestas reuniões?

VISCONDE — Digo mais, tornaram-se um elemento essencial para a minha vida. Graças a Deus, nunca ali ouvi perguntar a quanto estavam cotadas as acções de nenhum caminho de ferro: não me apoquentaram a paciencia apresentando-me em severos algarismos o numero das caixas de opio com que a philantropica e puritana Inglaterra envenena a China, proclamando as excellencias do *free trade*. Para se escapar á representação de um melodrama insipido, para fugir ao aspecto tenebroso de uma *prima-donna* accommettida de inspiração, mas *sensa fiato*, para não ter que ler um d'esses magros *folhetins*, em que se faz alta esthetica, sem grammatica, o antidoto efficaz era ir passar algumas horas na companhia de v. ex.^a e dos seus amaveis convidados.

CONDESSA — Acaba de fazer um longo discurso, em que chegou, diga-se a verdade, quasi a ser eloquente, mas receio muito que elle se converta n'uma verdadeira oração funebre. Para os boatos calumniosos, o primeiro remedio é fechar a porta.

VISCONDE — Eis o que me tornaria inconsolavel. Nas suas salas estava-se no possivel paraíso que se póde encontrar cá na terra.

CONDESSA — Paraíso? Logo devia eu ser deusa. Qual das deusas? Juno?

VISCONDE — Juno! Juno, não, que era muito ciosa.

CONDESSA — Acaso seria tão lisongeiro, que me elevasse ás honras de Venus?

VISCONDE — Pelos attractivos, certamente o merecia. Mas Venus, como não ignora, se é o ideal da belleza é tambem o typo da inconstancia!

CONDESSA — Nem mesmo Minerva?

VISCONDE — Pois accetaria realmente o despacho? Uma dama tão fria, tão severa, que ha de ler naturalmente no Olympo o calculo differencial, e folhear uma taboa de logarithmos!

CONDESSA — Bravo, visconde! Deixa-me então uma divindade como certos ministros... sem pasta!

VISCONDE — Ria quanto quizer, condessa, o que lhe posso affirmar é que faria tudo para lhe evitar este desgosto.

CONDESSA — Que desgosto?

VISCONDE — O que se diz...

CONDESSA — Declaro-lhe, visconde, que se fosse mais vaidosa, podia offender-me.

VISCONDE — De que, condessa?

CONDESSA — Parece que o incommoda a idéa, de que o supponham namorado de mim!

VISCONDE — Pelo contrario; mas como nunca pensou n'isso...

CONDESSA — Ninguem póde lér nos corações...

VISCONDE — A condessa tornou-se sceptica, segundo disse; eu ainda creio um pouco no amor. É um habito que nunca se perde de todo. Se eu tivesse a ousadia de lhe demonstrar a minima sombra de affecto, talvez que me riscasse do numero dos seus amigos.

CONDESSA — Admiro a sua innocencia... Acaba quasi de me fazer uma declaração.

VISCONDE — Pois fiz? Foi sem reparar. É verdade que n'isso sou partidario da tactica velha.

CONDESSA — Pois essa, diga-se o que se disser, é a melhor. Enfastiam-me os idyllios, e abomino os melodramas. Já passaram de moda os cupidos disparando settas, os pastores *sub tegmine fagi*, e as pastorinhas enfeitando com laços os timidos cordeirinhos... M. de Florian e Boucher já não resuscitam. Mas tambem não são para mim menos insupportaveis os Werthers, que se me apresentam com os cabellos em desordem, com o olhar profundo, desvairado e fatal: com os labios contrahidos em desprezo da especie humana, e que me fallam no tedio profundo da vida, e nos mysterios do ser, e do não ser...

VISCONDE — Bem póde suppôr, condessa, que eu pouco me assemelho a um pastor da Arcadia, e que não me veio nunca á ca-

beça inspirar uma paixão byronianna. E todavia, parece-me que tenho respirado hoje n'uma atmospherá poetica e phantastica... E ha pouco, quando entrei no baile, vendo aquella menina...

CONDESSA — Que impressão lhe fez?

VISCONDE — Não digo que me parecesse velha, mas já não lhe encontrei aquelle viço de mocidade, que me captivava. É a influencia inevitavel de um barão. A velhice é talvez contagiosa como a peste. Dir-se-hia que a não vira ha muitos annos. O meu accesso ridiculo de ciúme, ao contempla-la extasiada diante do barão, dissipou-se como por encanto. Senti o peito livre e desaffrontado.

CONDESSA — Não suppuz que a minha prophécia tão cedo se realisasse. Está curado: dou-lhe os meus sinceros parabens. Mas, segundo a minha pobre sciencia, um tão repentino desengano é quasi sempre symptoma de uma nova paixão...

VISCONDE — Nunca se engana, condessa: e como ha pouco me accusou do crime de uma quasi declaração, agora perdi o medo, vou fazer-lhe uma declaração digna dos aureos tempos do minue de da cõrte.

CONDESSA — Ainda bem que me avisou! Vou prestar-lhe toda a attenção: mas peço-lhe que seja o menos eloquente que lhe for possivel.

VISCONDE — Direi o que realmente sinto.

CONDESSA — Mas como quer que acredite n'um affecto que se levanta de improviso, como os aguaceiros nos céos da America?

VISCONDE — Dura ha mais tempo do que parece á primeira vista. E se lh'o não confessei é porque não tinha a pretensão de eclypsar potencias tão poderosas como as do Norte...

CONDESSA — Olhe bem para mim, visconde. Repare que o outono da minha vida está perto.

VISCONDE — Sempre acreditei que a belleza é irmã gêmea da mocidade, e que a elegancia e o espirito nunca abandonam as mulheres que uma vez reinaram.

CONDESSA — Confesso, visconde, que me sinto orgulhosa de o ouvir fallar como um poeta.

VISCONDE — Acredite, minha senhora, que a maior homenagem que um homem ás vezes presta a uma mulher, é fazendo a cõrte a outra!

CONDESSA — Tremendo paradoxo!

VISCONDE — N'este caso, a pura verdade.

CONDESSA — E como não hesita o visconde em abdicar a sua liberdade de solteiro, vencendo o horror que lhe inspirava a vida cõjugal?

VISCONDE — Quem se não tornará perjuro, e não mudará com gosto de opinião, podendo assim agradar a v. ex.ª?

SCENA VI.

A MARQUEZA, A CONDESSA, O VISCONDE.

MARQUEZA — Bem! muito bem! Vejo que estão de acordo!
CONDESSA — Certamente.

MARQUEZA — Estimo muito. Nada ha que enfraqueça mais o amor que as longas negociações preliminares.

VISCONDE — A proposito, o diplomata disse-me que só entregava o retrato com ordem expressa da condessa.

CONDESSA — Creio, visconde, que não recusará ao noivo, o que sem offensa podia recusar ao primo?

VISCONDE — (*beijando-lhe a mão*) Ah! querida condessa!

MARQUEZA — Meus queridos filhos, não lhes lanço a minha benção porque é coisa que já não está em moda desde o tempo de M. de Voltaire: não lhes canto uma aria, porque o amor de duas pessoas de espirito não é justo que acabe como uma operacomica: digo apenas que fizeram bem seguindo o proverbio que diz: *A bom entendedor, meia palavra!*

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

UM MEZ EM CINTRA

FRAGMENTOS D'UM LIVRO

II

Não ha nada de que eu goste tanto como da conversa assim, no campo, tendo por tecto o azul escuro dos céos, por tapete as flores, rescendendo aromas voluptuosos e embriagantes, e por musica o grito dos passaros nocturnos, que atravessam rapidos o espaço por cima das nossas cabeças, ou o zumbido dos insectos que se escondem nas devêsas. *E assim* que se respira á vontade, passeando livremente, desligado como se está das insoffríveis etiquetas de um salão, em que se ha de guardar a mesma posição durante horas infinitas, e para ouvir o que? O artigo de fundo d'alguma gazeta, lido pelo capellão da casa, que se dedica geralmente á politica: ou então, o que é ainda muito peor, uma *romanza d'effeito* cantada pela menina, com olhares obrigados, para a visita de quem a receita annual sôr mais avultada.

N'este mundo *sublunar* as coisas com que embirro e quesilo mais, são inquestionavelmente, — com a etiqueta, com a contradança e com a *romanza*; em compensação gosto do *petit-point* e do *crochet* (especie de *cholera-morbus* pela rapidez com que atacou esta metade do genero humano, a que se chama *bello-sexo*) porque na realidade, tanto um como outro são ás vezes serviçaes. Estabelecidas assim as minhas predilecções, e feita esta declaração, que o leitor perguntará porque e para que eu a fiz, continuo com a minha narração, de que me affastei sem saber como, o que prova que até nos meus pobres *escriptos* eu detesto a etiqueta.

Ao contrario de Sterne, que fez nascer o principal personagem do seu romance *Trislam Shandy* no penultimo capitulo, eu vou dar a conhecer a heroína d'esta minha narração logo no principio, descre-

vendo-a e retratando-a em primeiro logar. Como deveis imaginar é a viscondessa G... de quem já vos fallei, que vae occupar a minha penna e gastar uma porção do meu al-masso, o que me faz lembrar aquelles dois versos de Boileau:

*Ecrive qui voudra. Chacun à ce métier
Peut perdre impunément de l'encre et du papier.*

que como todos d'esse critico severo e inflexivel, são mordazes de desprezo, para aquelles que começam a escrever e que não sabem que effeito produzirão os seus escriptos, e n'este caso confesso achar-me eu.

A viscondessa havia ter pouco mais ou menos trinta a trinta e cinco annos, apesar de pretender ainda aos vinte e oito, sem commetter n'isto um grande atrevimento, porque a sua pelle ainda se conservava lisa, macia e rosada, e o seu cabello completamente negro; os seus olhos de um brilho phosphorescente e magico, como o de duas estrellas em noite de verão, davam-lhe direito a essa pretensão que *par droit de conquête*, sobre esse velho feio e malcreado, chamado Tempo, ella queria guardar para com o seu sequito de admiradores, composto, na maior parte, de varias notabilidades politicas, alguns bonecos de Nuremberg, d'esses que se julgam cada um de per si o chefe da moda e da elegancia, e por ultimo (por que sempre colloco em ultimo logar aquelles com quem mais embirro) sete ou oito Lucullos (pela riqueza) ou Monte-Christos, aspirantes a conselheiros, e uma meia duzia de barões, com mais ou menos ridiculos, segundo a maior ou menor propensão para aquelle titulo.

A viscondessa comtudo não podia soffrer estes ultimos, e negava-lhes sempre a menor esperanza, o que prova que a sua corda sensivel não eram os *cinco por cento*, e alé me lembra perfeitamente que um dia fingindo eu que os defendia, respondeu-me apresentando-me uma pagina de um romance de Dumas, que tinha estado a folhear e em que eu li:

«A aristocracia de nascimento e a aristocracia de gloria são irmãs; a aristocracia de dinheiro não passa de uma bastarda.»

Olhei para a viscondessa um pouco em duvida sobre a sinceridade d'aquella revelação indirecta, n'este momento um criado annunciou o sr. conselheiro*** a viscondessa fez um gesto espontaneo de aborrecimento, e depois de um momento de hesitação respondeu ao criado:

— «Diga ao sr... que estou incommodada, que o não posso receber.

(Continúa)

ANTONIO DE BREDERODE.

vejo a e retratado a em quanto se faz. Como deves imaginá-lo
 a vinda de G... de quem se sabe a lull, que se occupa a minha
 pena e estar um pouco do que de mais a que me faz lembrar
 aquellas deves fazer de G...

UM MEXICANO

Porto qui com a lull, que se occupa a

Pou para a lull, que se occupa a

que como todos deves...
 deves, para quem...
 que esse... de seus... e a esse...
 de...

MÃE E FILHA

A vinda de G... de quem se sabe a lull, que se occupa a
 pena e estar um pouco do que de mais a que me faz lembrar
 aquellas deves fazer de G...
 de...

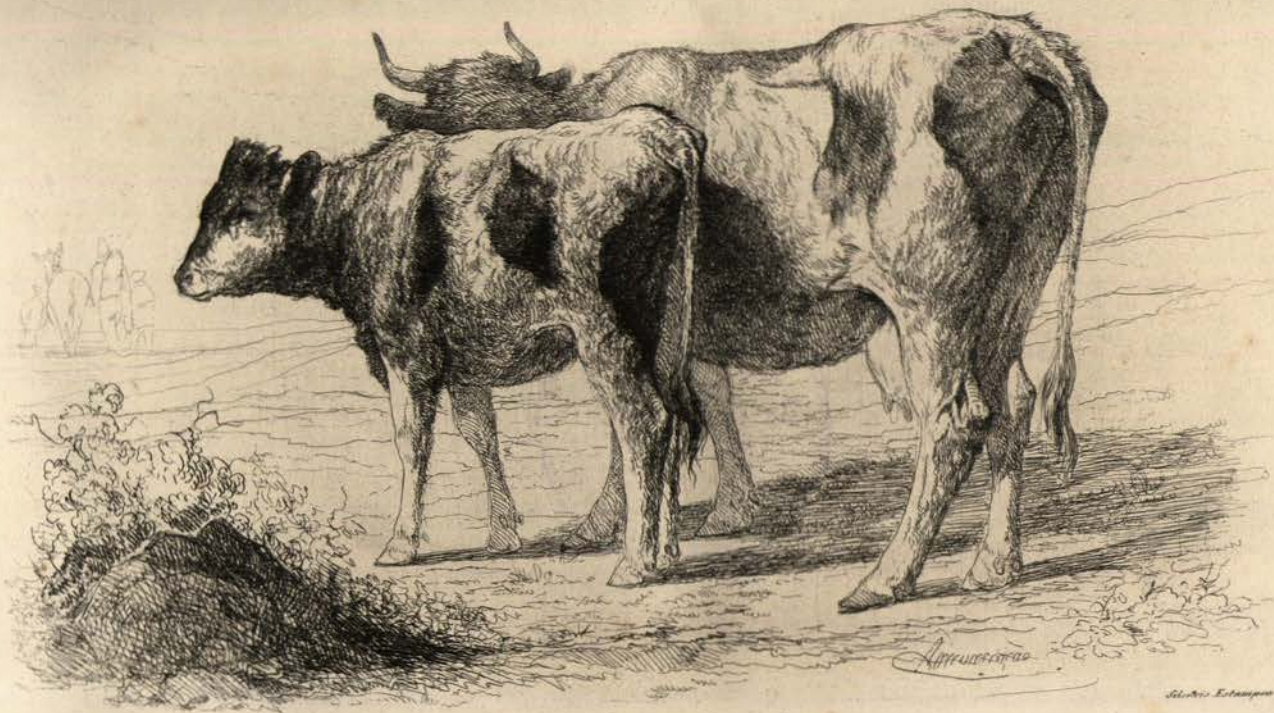
Os admiraveis e conhecidos dotes do sr. Annuniação sobresaem no quadro que tem este titulo, e que a nossa gravura reproduz quanto ao buril é possível. O segredo da naturalidade está na fina, attenta, util, e, digamos, espirituosa observação das particularidades, d'onde resulta, n'um conjuncto bem disposto, aquella apparencia de vida em que a imitação nada esqueceu. Nos quadros do sr. Annuniação os animaes como que tem movimento, e o mesmo typo, repetido nas suas variantes, é sempre novo, porque é sempre diverso, e tem sempre que admirar.

Namoram e prendem os olhos estas tellas em que tudo é harmonia e parece respirar serenidade. Direis que rescende a fragancia nos campos, e nos horisontes vaporosos paira a suave e correcta poesia de um idyllio de Gessner. Vae-se com a vista o pensamento atraz dos grupos longinquos que são um dos maiores primores d'estas graciosas composições.

O merito supremo d'ellas, e que mais e melhor as realça, é, quanto a nós, aquelle sentimento profundo da natureza que fez a grandeza e o nome de Nicolau Poussin e Claudio Lorreno.

A *Mãe e a filha* denunciam-se pois logo. O olho desconfiado e inquieto bastaria para designar a filha, cujo character assomado e indole turbulenta se está ali revelando. A andadura tranquilla e a attitude vigilante teem tal cunho de solicitude que não seria preciso mais para distinguir a mãe, ainda que faltassem outros característicos.

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.



MÃE E FILHA.

Am. ...

del. ...



UMA SESSÃO DE JURADOS.

CASO DE SUPPOSTO INFANTICIDIO.

Está aberta a sessão. Um homem de physionomia agradável e intelligente occupa a cadeira da presidencia. É ainda moço; quando muito terá quarenta annos. A energia do character traduz-se-lhe na palavra rapida, mas clara e sonora, sem gestos de severidade, tão communs nos que tem encanecido na judicatura. É o magistrado. O habito que veste e o logar onde está fazem-no reconhecer facilmente. A sua direita está sentado um mancebo com ar nobre e garboso, mostrando pelas apparencias comprehender já bem a magestade das funcções que a lei lhes dá. No seu rosto expansivo e ao mesmo tempo grave, não se descobre o mais pequeno indicio de ruins paixões: veste tambem a becca. É o delegado do ministerio publico. A direita d'elle está um homem que já viu desfolhar a flor da juventude: parece ancião pelas cãs que lhe cobrem a cabeça, pelas barbas quasi de todo brancas e pelas rugas do polido rosto. Não é velho todavia, supposto que o pareça. Esses indicios de senilidade deram-lhos os trabalhos da vida que ardua passou na mocidade, e os habitos de meditação em que de continuo a vae gastando. Foi soldado valente nas nosas luctas civis. Depois n'outras luctas se tem empenhado, que tem sido as do estudo. Quem é que fictando aquella physionomia não vê os sentimentos do pae de familia desvelado por seus filhos, do amigo sincero e dedicado, do cidadão probo e honrado? Quem deixará de ler n'aquella testa ampla e desaffrontada signaes de não vulgar talento? Quem não julgará da finura d'aquelle espirito pela correccão dos traços que lhe esboçam o rosto? As vistas penetrantes da alma traduzem-se-lhe na similhaça singular que tem aquella cabeça com a da aguia. Mas essa finura e penetração não lhe servem para procurar os mais instinctos dos homens e para viver com elles em desconfiança. No alto d'aquelle craneo póde com facilidade descobrir o phrenologista os orgãos da veneração em amplo desenvolvimento. Brilha pela palavra e pela penna. Festejado sempre pelo povo como advogado nato dos infelizes, o dr. Bruschy tem adquirido merecida populari-

dade no exercicio das funcções da advocacia. Elle poderia occupar hoje uma das mais altas posições da nossa magistratura, se a causa porque combateu não tivesse expirado em Evora Monte, mas o dr. Bruschy havia mais tarde ambicionar outra gloria. E n'um paiz constitucional que podem medrar talentos como o seu.

Em frente do delegado do ministerio publico e do advogado senta-se em longa bancada o juiz da consciencia, o povo constitucional para exercer a mais nobre das prerogativas que conquistou nas suas luctas modernas. Ali o homem de letras, o negociante, o operario, o artista, em summa todas as classes vão fundir-se n'um só corpo moral, que pelo mesmo facto da sua diversidade imprimirá nas suas resoluções, o sello da independencia e da verdade.

Espectadores numerosos se tem apinhado na sala da audiencia. Todos estão avidos de sensações; querem ver, querem ouvir todos o criminoso. Por triste e cruel que seja o espectaculo nunca lhe faltará concorrencia; e para scenas como aquella que era esperada ha sempre espectadores. O povo tem sempre os mesmos instinctos. Elle corre ainda hoje a ver julgar o criminoso e a ver-lhe rolar a cabeça no cadafalso, como corria no tempo de Nero para assistir aos horri-veis espectaculos de carnificina, que distrahiam o povo romano. É uma tendencia esta, bem singular. Temos do homem melhor idéa, para a podermos explicar pela perversidade. Será o espirito de vingança que ali o leva? Será para protestar na presença de Deus contra os actos iniquos de perversos juizes? Talvez este motivo se tenha já dado excepcionalmente, mas esses exemplos vão longe... Será?... Que o diga quem melhor conhecer o coração humano.

O sentimento da justiça é a prova mais clara que se pôde produzir da supremacia moral do homem; mas a neecessidade d'ella é tambem um triste testemunho da nossa natureza. A exposição publica do crime, revelando todos os meios de que a perversidade se pôde servir para conseguir seus fins, é uma condição necessaria, bem a reconhecemos, porque é preciso antes de tudo saber a verdade, muito embora tenha talvez de se desilludir aquelle que julga o homem um ente bom; mas a descripção de todas as suas premeditações, de todos os seus resultados, e ainda mais, a possibilidade d'elles, deixa no espirito recordações tristes e perigosas.

Quando o magistrado tem diante de si o criminoso que matou o seu semelhante, quando esse criminoso mostra ainda as mãos tintas de sangue e a arma com que o feriu; quando todas as provas trazem o convencimento do crime ao espirito do juiz, pôde ainda ser dolorosa a missão do magistrado, porque elle não vê mais do que o homem sobre o qual deve fazer cair o castigo, mas essa missão justifica-a a neecessidade, e eleva-a quasi á altura de um juizo de Deus a sociedade dos homens. Mas quando as acções que o magistrado tem de julgar são consequencia de uma organização social, contra que se permite que o philosopho proteste, é triste, muito triste que por ellas seja responsavel o que não é mais do que instrumento material. E de mais, a palavra crime não tem tido sempre a mesma significação. Julgamos com tudo mais supportavel para o espectador a narração de um acto de grande perversidade, do que a exposição do crime cujas raizes se confundem com as fragilidades humanas. Um aterra-nos pela ferocidade mas não nos aniquila; porém quando o crime

participa do asqueroso; quando a necessidade nos força a descobrir tudo quanto podemos ser, então a nossa energia sente-se abatida, e em lugar do terror que nos podia inspirar um grande crime, mas que nos não tirava o dó pelo infeliz, sentimos o que quer que seja de semelhante, de que temos pejo, e que nos obriga a retirar os olhos de um quadro de diante do qual não podemos estar por muito tempo, porque é espelho onde se reflectem imagens que nos repugnam.

Ainda que os tribunaes não tenham já aquellas exterioridades tristes e tenebrosas que tinham n'outro tempo, comtudo sempre diremos que não é medroso aquelle que sem um grande calefrio, entrar n'essas salas espaçosas e sem ornatos, para assistir ao julgamento de um réo. Desde a cara esqualida e necessitada do pobre official de diligencias até á do juiz, descobre-se o que quer que é de rigidez, que nos intimida. Chega-se quasi a desconhecer o amigo que ali vemos mettido dentro de uma opa negra, e a estranhar-lhe as frases que por habito tem affaveis e insinuantes. E todavia, cumpre que se diga que estas coisas não teem já o feio aspecto de outro tempo. Pelo menos, fóra d'aquelle lugar, o juiz, o advogado, o representante do ministerio publico vivem com o seu semelhante, riem e folgam, e tudo isso se pôde fazer, tem-o a experiencia confirmado de sobejo, sem que no momento em que é preciso ser magistrado falte a gravidade necessaria, e sobretudo a rectidão e a humanidade.

Quem era pois aquelle cujos crimes o tribunal fa julgar? Os autos diziam um nome, dezasete annos, o temperamento, a constituição, a naturalidade e a morada. Basta-nos saber que era uma rapariga accusada de ter attentado contra a vida de seu proprio filho, lançando-o de uma janella abaixo, pouco depois de o ter dado á luz. No lugar onde estavamos não lhe podiamos ver o rosto, esse espelho da alma onde muitas vezes se lêem sentimentos bem differentes d'aquelles que outras apparencias insinuam. A infeliz estava sentada e parecia vergar mais ao peso da vergonha do que ao do crime. Modesta e pobremente vestida com um vestido de chita e um chale que a cobria como se fosse lençol mortuario, escondia a cabeça n'um chapéo de palha a que serviam de ornato algumas flores já desbotadas, e do qual pendia tambem um véo preto que tapava o rosto sem lhe occultar de todo a pallidez. Fechava na mão um lenço de duvidosa côr e que a meudo approximava dos olhos sem já lh'os poder enxugar, porque as lagrimas o tinham ensopado. A respiração angustiosa facilmente podia ser observada nos movimentos do peito que anhelava com força; um tremor violento lhe agitava os membros, e a cabeça pendia para o chão, para onde provavelmente olhava, se antes não olhava para Deus e para a sua propria consciencia.

Quando o juiz mandou ler os autos, ordenou-lhe que levantasse o véo. Quasi que nos indignámos com aquella ordem barbara que deixava a infeliz em maior exposição ainda. Não censurámos o magistrado: elle que o fez foi porque provavelmente assim o exigiam as praticas do tribunal, entretanto quizeramos antes ver estas prejudicadas, mas respeitámos os direitos do pudor. Se nos não enganamos, já lemos que os magistrados athenienses tinham por costume fazer cobrir o rosto á mulher que ia ser julgada, parece que com o fim de evitar as seducções da belleza que um dia na pessoa de Phirnea esteve a ponto de os corromper. Graças a Deus os nossos magistra-

dos, apesar de moços não temem essas seducções: entretanto desejaramos ver observado o costume de Athenas.

Não era difficil ver na physionomia de todo o tribunal indícios de commiseração pela desgraçada. O jury escutava com religiosa attenção a leitura dos autos na esperança de ouvir rasões que podessem absolver uma creança que a prostituição não tinha estragado, e que soffria n'aquelle logar maior pena do que o tribunal lhe podia impôr, se fosse criminosa, porque os homens não podem dar maior castigo do que é a anniquillação moral que resulta da accusação que nos faz a propria consciencia por faltas que o mundo suppõe irreparaveis. Ai de nós, se n'essas horas de suprema desgraça, a idéa de Deus não viesse consolar-nos.

Davam-se como provados nos autos os seguintes quesitos: — 1.º Que a ré tinha tido um filho — 2.º Que esse filho nascera vivo — 3.º Que sua mãe para occultar a sua vergonha o lançára da janella abaixo. Verificava-se pois o infanticidio prepetrado por aquella mesma em cujas entranhas se desenvolvêra o recém-nascido. Antes de chegarmos á analyse d'esta importante parte do processo, que foi o que nos moveu principalmente a tratarmos esta questão, vamos ainda entreter os nossos leitores, informando-os de algumas particularidades mais que observámos na sessão do jury.

Os peritos haviam procedido a um rigoroso exame com o fim de achar as provas physicas da maternidade. A sciencia prevalecendo-se na sua linguagem semi-barbara, mas comprehensivel, dava nos autos a descripção circumstanciada de todos esses signaes por onde se pôde conhecer que uma mulher acaba de ter um filho. Mais de um espectador abaixou os olhos com pejo, e nós deixamos de boamente cair um pano sobre essas provas, para evitar que os nossos leitores tenham as mesmas sensações. A mulher tinha tido um filho, os peritos tinham-no confirmado, ella não o negava. Para que era pois a narração dos signaes physicos da maternidade para um juizo que os não podia avaliar? Para que se havia de revellar com tantas provas esse estado, que a mulher por mais perdida que esteja, tem sempre desejo de occultar? Que direito tem os homens, para publicar sem reconhecida necessidade, essas coisas a que a mulher liga, com razão ou sem ella, os seus mais invenciveis escrupulos? Pois em logar de todas as attensões e respeitos a que a mulher tem direito só pelo facto de ser mulher, lá vae ser proferida pela bocca do eſcrivão e em plena assembléa a historia das suas fragilidades intimas! E não disseram mais porque mais não souberam. Não era o pejo que lhe embargaria a voz se podessem saber.

(Continúa.)

CHRONICA

No meio de tantas publicações aventureiras e ephemeras, a noticia de um livro é uma boa nova, porque é uma nova rara. E a raridade é ainda maior se o livro se distingue pela correccão e pelo espirito, qualidades que se não encontram a todos os momentos. N'este caso estão as *Scenas e phantasias do meu tempo*, que o sr. Lopes de Mendonça deu á estampa, e sahirão brevemente.

Os quadros dispersos pelas folhas volantes, que duram um dia e quasi não deixam memoria, são muitas vezes thesouros que os nossos talentos, impossibilitados de concentrar as suas faculdades, espargem com a irreflectida prodigalidade dos primeiros annos, descuidosa do proprio merito,

Colligil-os com sollicitude é um bom intento e uma obra previdente que o futuro agradecerá.

N'essas riquezas espalhadas ao acaso, nascidas de uma inspiração caprichosa, mas viva e original, como as circumstancias que a determinaram, está muita vez o cunho da individualidade, que depois amadureceu com o estudo, e se fortaleceu com a reflexão. Estes raios da aurora litteraria dos homens que tem exercido a acção e a influencia nas lettras patrias, quando vem a ser condensados tornam-se o primeiro fóco d'essa luz que allumia e aquece. É portanto para desejar que o exemplo do sr. Lopes de Mendonça tenha seguidores.

A proposito de livro, acode-nos aos bicos da penna o fallar d'outro que embora seja estrangeiro, é digno de menção pela celebridade que repentinamente conquistou. Talvez não conte mais de cinco mezes de publicidade, e já esgotou perto de vinte edições. Esse livro, dirá o leitor, deve ser uma maravilha, ou pelo menos, encerrar muita originalidade? Pois engana-se; o livro está bem escripto, mas o assumpto é trivial. A liberdade com que está conduzido é que desperta geralmente o interesse. Tem o attractivo supremo do escandalo, adoçado pela elegancia da fórma, e auctorizado por uma moralidade apparente. Aspira a provar que o amor é impossivel no adulterio, pedindo ao proprio adulterio a justificação. Só tres personagens, nem eram precisas mais, apparecem na *Fanny*, assim se chama o livro que o auctor intitolou estudo, e que para elle, unicamente foi aproveitavel, O marido é um homem vulgar, o amante um Antony zeloso, e a *Fanny*, uma mulher... de carne. Com taes elementos era facil ao auctor realisar a these.

A *Fanny* não chega á ser heroina nem sequer mulher de coração. O livro portanto hade durar o que dura um escandalo: discute-se e commenta-se oito dias e oito noites, como aconteceu nos salões de Pariz, e como hoje acontece nos salões de Lisboa. Depois d'esta rapida divagação, entremos nos theatros.

Em S. Carlos subiram á scena duas operas. o *Macbeth* e a *Luiza Miller*. A primeira agradou; a segunda fez fiasco, apesar da esmerada e brilhante interpretação que Mirate deu á *romanza* do segundo acto; mas os dilletantès não acham bastante, e com rasão, no desêmpenho de uma opera, uma *romanza* bem cantada. São tres horas de semsaboria por dez minutos de prazer. E, muita usura e o publico protesta, como protestou logo na primeira noite enterrando com uma pateada a *Luiza Miller*. O palco lhe seja leve.

Quanto ao *Macbeth*, não podemos dizer que a execução geral da opera foi completa, mas apresentou mais igualdade, sobresahindo vantajosamente M.^{me} Tedesco e o barytono Cresci. O duetto do primeiro acto foi magistralmente cantado por estes dois artistas, provocou sempre os applausos espontaneos e freneticos que assignalam a verdadeira superioridade. E com estas linhas despede-se o chronista, como se despediu o publico da scena lyrica que findou a sua época, conservando apenas agradaveis impressões d'alguns trechos executados por M.^{me} Tedesco, Mirate, Neri-Baraldi e Cresci. Tudo o mais era tão mediocre que não só tirava o realce, mas prejudicava o effeito geral das partituras, que por isso não deixaram saudades aos dilletantes.

Finalmente, S. Carlos n'esta época estava reduzida a uma sala de concerto, onde se ia ouvir uma aria ou um duetto, porque se resumia a isto o attractivo de cada espectáculo.

A actriz Emilia realisoou no theatro normal a primeira recita em beneficio dos orphão desvalidos da febre amarella. O drama escolhido foi a *Dama das*

Camelias, o que equivale a dizer, que a artista obteve mais um valioso triumpho. O papel de Margarida Gauthier, é de certo uma das mais esplendidas criações do seu repertorio, e cada vez que a resuscitar na scena, ha de promover o enthusiasmo que n'aquella noite electrizou a platéa.

Custa realmente ver um talento tão bello e vigoroso, e que tão relevantes serviços podia prestar á arte dramatica, afastado da nossa primeira scena, onde lhe competia estar, e onde era o desejo de todos que estivesse.

Os grandes talentos não devem annullar-se diante de pequenos caprichos. Para lh'os desvanecer, está em primeiro logar o amor da arte quando é verdadeiro e profundo; e em segundo, estão os applausos e bravos do publico que reclamam gratidão, embora sejam legitimamente conquistados.

Varios jornaes registaram o boato que ultimamente se espalhou de que o theatro normal ia ser concedido a uma empreza. Nunca acreditámos o boato, e ainda hoje conservamos a mesma incredulidade. Para a justificar basta a confiança que nos merece a illustração do governo actual, que de certo não praticaria um acto prejudicial ás letras e á arte, quando estas só auxiliadas e protegidas podem desenvolver-se e vigorar no nosso paiz.

Era impossivel que um ministerio formado na maioria de homens de elevada intelligencia e de reconhecido valor litterario, sancionasse uma medida, que importaria nada menos do que privar a litteratura dramatica do unico estímulo e da unica protecção que lhe resta. Se ha defeitos na organisação, e ha-os, emendem-nos, mas não destruam, que é o que forçosamente havia de acontecer, entregando o theatro á industria e á especulação.

Reconhecemos que o theatro carece de reformas, e empenhamo-nos para que se lhe façam, mas sob a administração do governo, que é a quem compete a primeira scena nacional. Sempre o temos dito, e havemos de sustental-o.

A primeira reforma a tentar é a da lei, que do principio ao fim está crivada de defeitos, como esperamos provar, quando tratarmos largamente, e n'um artigo especial, esta questão que os limites acanhados de uma chronica não permittem sequer esboçar.

Estreou-se no theatro do Gymnasio a companhia hespanhola com a primeira representação de uma *zarzuela*, intitulada *Marina*. É composição do maestro Arieta, auctor da *Ildegonda*, e não desmente tão festejado nome. Toda a *zarzuela* está matizada de bellos e graciosos trechos. Quanto ao desempenho achamol-o regular na generalidade, cumprindo-nos todavia mencionar com louvor dois artistas os srs. José Gonzalez e Cresc. Foi este quem mais se distinguio na *Marina*, interpretando com chiste e pouco vulgar naturalidade o papel de contra-mestre. Na parte musical, ainda a nosso ver, sobresae mais, auxiliado por uma excellente voz de barytono que se presta ás exigencias da partitura. A canção final, que é talvez o trecho mais inspirado da *zarzuela*, foi cantada pelo sr. Cresc. com toda a mestria e com a mais admiravel expressão. A melancolia attrahente que respira aquella canção, o sentimento que a realça tudo comprehendeu o apreciavel barytono, e tudo revelou. As palmas e os bravos prolongados que sempre o tem saudado n'aquelle momento confirmam o que avançamos.

O sr. Gonzalez tem uma voz sympathica de tenor, e em tudo que canta vê-se que os segredos da arte lhe são conhecidos.

Depois d'estes artistas resta-nos unicamente para citar a sr.^a Barrejon, como uma cantora regular de *zarzuela*. O timbre da voz é agradável, e n'uma composição de menos vulto, ha de satisfazer mais ligeiramente.

E do baile a *Granadina*, o que diremos? Que é meia hora de continuo enthusiasmo. E como não ha de ser? Quem ha de fitar sem admiração a voluptuosa gentileza e a graciosa arrogancia da señora Medina? Quem ha de contemplar indifferentemente a correcção d'aquellas formas dignas do cinzel de Phidias e Praxiteles? E quando tudo principia a agitar-se, tomando as mais seductores e vaporosas posições, quem ha de ficar immovel?

Resumamos, portanto, a duas palavras o elogio da señora Medina. Julgavamos conhecer a dança hespanhola e era engano; assim nol-o provou a eximia *bolera*.

ERNESTO BIESTER.